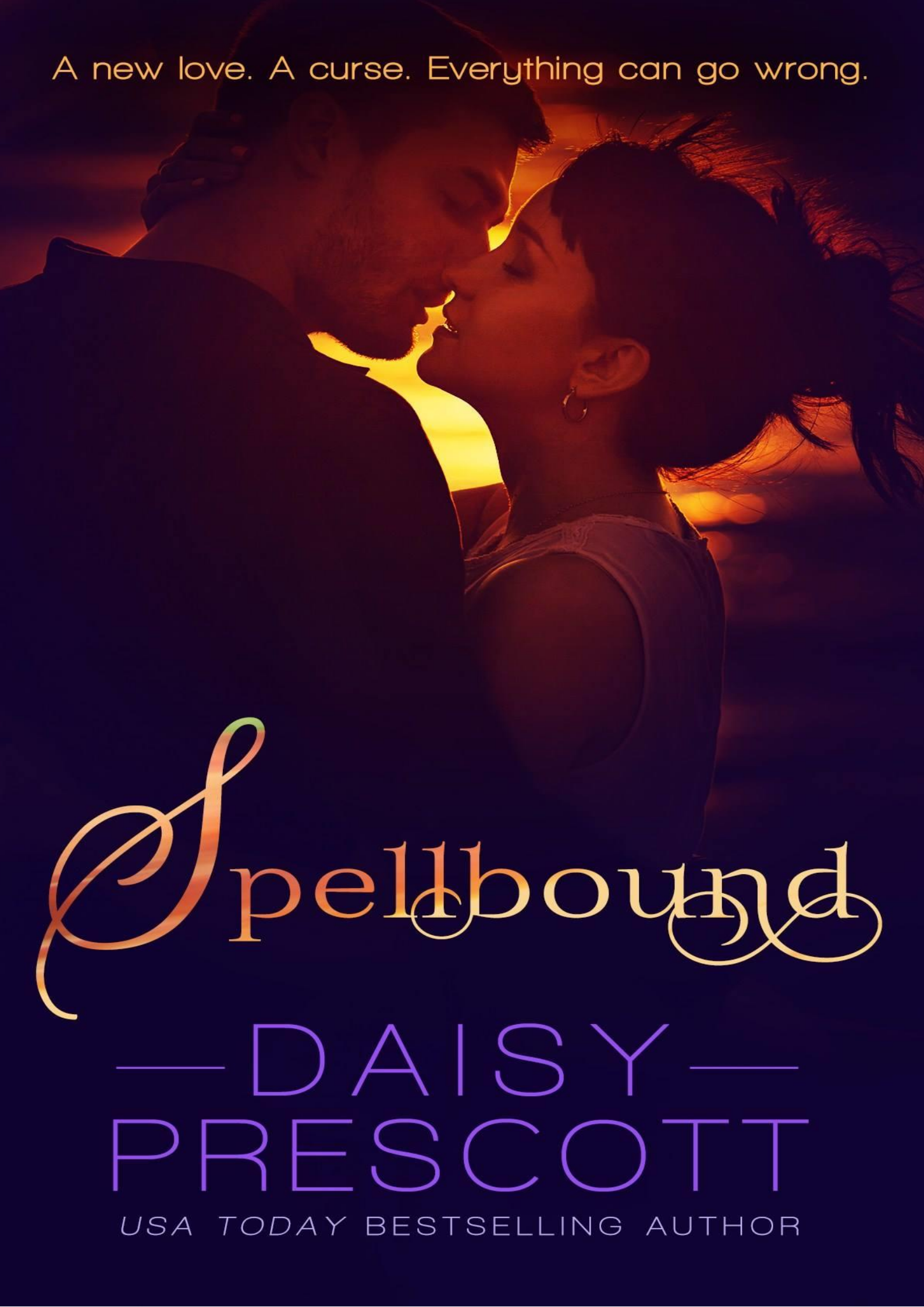

A new love. A curse. Everything can go wrong.
Spellbound
DAISY PRESCOTT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



É TEMPO DE CELEBRAR!
1 ANO WAS!



TRADUÇÃO: MIKA HANAZUKI

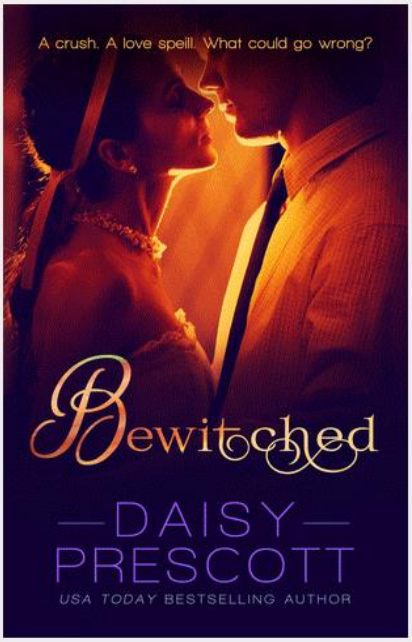
REVISÃO INICIAL: MIKA HANAZUKI

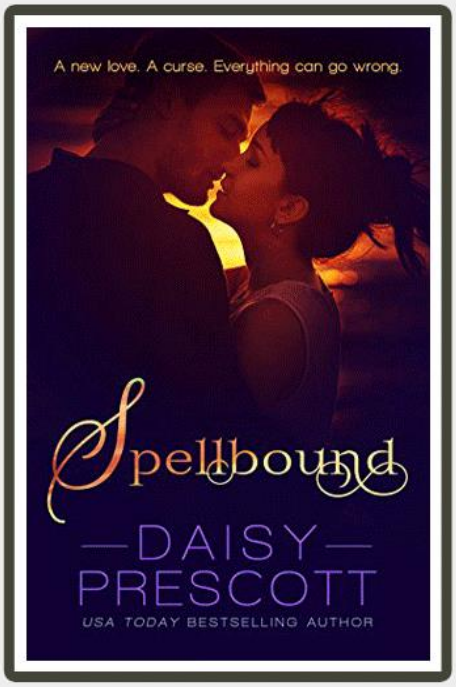
REVISÃO FINAL: AURORA WINGS

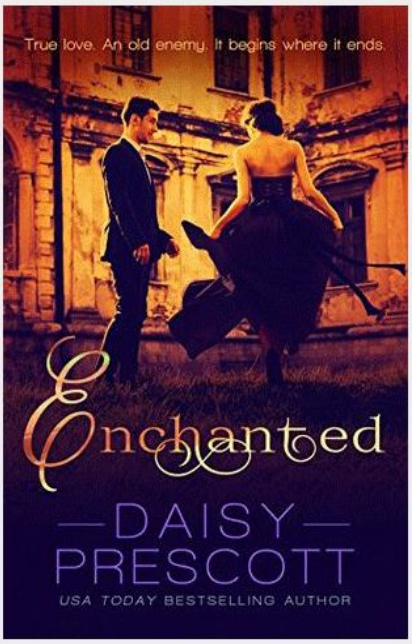
LEITURA FINAL: SERAPH WINGS

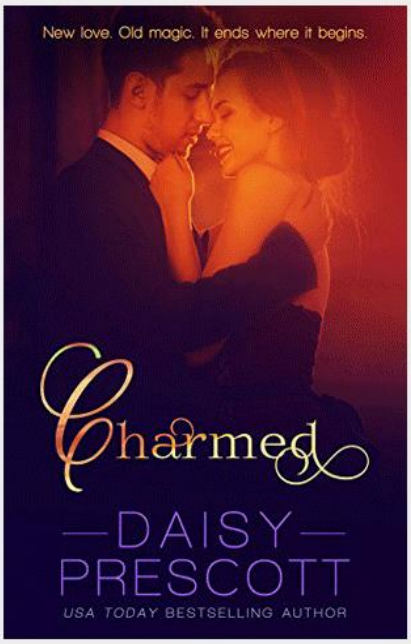
FORMATAÇÃO: AURORA WINGS

SÉRIE BEWITCHED
DAISY PRESCOTT









WARRIORS ANGELS OF SIN
WAS
TRADUÇÕES

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Se você não esculpir uma abóbora, ela parecerá madura e perfeita por meses, enquanto apodrece lentamente de dentro para fora antes de implodir. O ato de transformar uma cabaça simples e comum em algo mágico acelera sua queda.

O mesmo poderia ser dito da minha vida.

Durante vinte e um anos vivi tranquilamente nas sombras, evitando chamar atenção e ser notado.

Escondido à plena vista.

Com óculos e olhos castanhos comuns, sob o mesmo cabelo escuro ostentado pela maioria dos humanos no planeta, não há nada de extraordinário em mim.

Exceto que nada sobre mim é comum.

Não com o sobrenome Wildes em Salem, Massachusetts.

Minha mãe acreditava que poderia escapar do meu destino casando-se com um homem normal.

Meu pai achou que poderia me transformar, me tirando de Salem e da história da minha da mãe.

Ambos estavam errados.

Meu destino foi selado desde a primeira vez que coloquei meus olhos em Madison Bradbury.

Ela acha que é comum, mas ela é extraordinária para mim.

Um novo amor. Uma maldição. Tudo pode dar errado.

Capitulo Um

Um poeta pode ser inspirado a escrever poemas sobre a magia da festa de Halloween da noite passada. Embora eu possa ser o tipo pensativo, usando roupas pretas, não sou um poeta. Acho que todo mundo que me conhece está aliviado sobre minha falta de interesse poético.

Claro que posso citar todos, de Shakespeare a Austen. Qualquer homem inteligente deve ler Austen para estar preparado para lidar com mulheres, especialmente uma mulher que gosta de ler e que também poderia cursar inglês.

Eu tive muito tempo para me preparar.

A noite passada foi como desejei por anos.

Não desapontou.

Todos os meus pontos altos do Halloween incluem Madison Bradbury.

Beijar Madison.

Revelar o meu verdadeiro eu para ela e não tê-la gritando correndo de mim, ou me dando o olhar “você é louco”.

Beijar Madison um pouco mais.

Confessar para ela que sabia sobre seu feitiço de amor e as tentativas fracassadas de magia.

Curtir com Madison na praia antes de acender a fogueira da meia-noite. Com minhas mãos.

É isso mesmo, eu sou um bruxo.

Sim, os homens também podem ser bruxos. Mago é um termo desatualizado, de gênero, usado apenas em livros antigos. Algumas pessoas são Wiccans[1] hoje em dia. Eu sou totalmente a favor, mas isso não é para mim. Deuses com chifres e Deusa Mãe, amor pagão, saudação à magia da terra é tudo de bom. Eu sou da linha antiga, se rastrear minha linhagem de quinhentos anos na Nova Inglaterra. Os infames julgamentos de bruxas realizados em Salem podem ter sido uma histeria em massa, mas entre os inocentes, aquelas redes puritanas capturaram algumas bruxas de verdade.

O demônio não se escondia nas florestas ao redor de suas aldeias; se escondeu no familiar, onde ninguém ousaria questioná-lo.

Camuflado em normalidade e indignação entediantes, ele espalhou rumores e dúvidas, deixando os outros fazerem mal uns aos outros.

É assim que a magia negra funciona. Nunca chega com alarde. Não, o lado insidioso da humanidade rasteja pelas rachaduras e penetra na existência através de pequenas dúvidas e inseguranças onde se reproduz, forçando pensamentos felizes, boas ações e bondade, deixando para trás apenas a desconfiança e, eventualmente, o ódio.

A mesma escuridão ainda está em jogo hoje.

---

[11] Uma pessoa pode ser uma bruxa, sem ser **wiccaniana** , assim como uma pessoa pode ser cristã, sem ser batista. **A Wicca** é uma religião reconhecida, enquanto a Bruxaria em si não é considerada uma religião. Assim, a **Wicca** pode ser melhor descrita como uma religião moderna, baseada em antigas tradições de bruxaria.

Demônio é o termo mais simples, mas tanto faz como o poder sombrio é chamado, os resultados são os mesmos.

Em outras palavras, não toque nas coisas sombrias.

Não.

Nunca.

* * *

Em vez de ficar sentado cedendo aos meus sentimentos felizes e piegas sobre Madison, estou passando uma vassoura pela casa de praia de Tate em North Shore, empurrando copos descartáveis vazios, embalagens de balas e detritos que estou com muito nojo de examinar atentamente. Eu deveria estar usando uma pá enquanto uso um traje de proteção.

— Você acha que uma mangueira iria estragar o piso de parquet? — Estou meio brincando quando pergunto a Tate.

Ele puxou seus dreadlocks loiros em um rabo de cavalo solto e está ensacando as pilhas de lixo enquanto tenta não vomitar. — A faxineira estará aqui amanhã com uma equipe extra. Somos apenas responsáveis pelo lixo e pelos fluidos corporais.

Nossos tremores são semelhantes.

Eu me ofereci para varrer a sala de jantar, que virou pista de dança, na esperança de localizar o colar com pingente de coração perdido de Madison. Era parte de um kit vendido principalmente para garotas ingênuas, que Madison estava usando na noite passada. Eu reconheci o amuleto da loja da minha mãe instantaneamente. Descobrir por que minha mãe vendeu um feitiço

de amor ineficaz exigirá um telefonema assim que terminarmos de lidar com as consequências de outro Halloween na mansão Winthrop.

Com a ponta do cabo da minha vassoura, bato em um chapéu roxo listrado do lustre de bronze do século XVIII acima de mim. Ele cai na pilha enlameada que criei no meio da sala.

Tate me entrega um par de luvas de lavar louça cor-de-rosa enfeitadas com fitas de bolinhas. — Você vai querer isso.

— Exatamente o meu estilo. — Agradecendo-lhe, eu meto meus dedos na luva antes de ensacar o lixo.

Meus olhos analisam o conjunto de confetes roxos, balões estourados, teias de aranha falsas, aranhas de plástico, flâmulas, bastões luminosos apagados, doces e um único chifre de unicórnio, mas não há fita vermelha ou coração.

Eu adoraria devolvê-los a Madison, mas não vou peneirar as dezenas de sacos de lixo pretos que já enchemos.

Não há magia no coração além do tipo sentimental, que faz os casais guardar os canhotos de ingressos e os prêmios de parques de diversão como lembranças. Uma lembrança em forma física.

Ah, nostalgia, sua bastarda sorrateira.

Depois de terminar a pilha, tiro as luvas e as atiro no último saco preto.

— Você não vai guardá-las? — Tate finge um rosto triste de cachorrinho.

— Não há alvejante suficiente em Massachusetts para higienizá-las.

Ele engasga com a boca aberta. — Obrigado pela ajuda na limpeza. Sempre me surpreende que ninguém mais apareça para ajudar.

— Talvez eles achem que sua equipe doméstica cuida disso para você. Ou tudo desaparece por mágica. — Eu passo minhas mãos para frente e para trás diante do meu rosto em estranhos movimentos que os mágicos usam para desviar a atenção para suas mãos hábeis.

— Por que você pode acender fogueiras, mas não encantar uma vassoura e uma pá para fazer o trabalho enquanto tomamos o café da manhã?

— Se ao menos funcionasse desse jeito. — Olhando para a vassoura encostada na parede, conto até quinze. — Não consegui nada. Desculpe.

— Pelo menos você pode fazer objetos se moverem.

Eu derrubo a vassoura imaginando-a no chão. Ele pula quando bate. Em termos de magia, é menos que espetacular. Ou impressionante. — Você pode difundir e absorver emoções.

Tate faz 'mãos de jazz' [2]em movimento lento. — Sou uma esponja humana. Não é tão bom quanto derrubar vassouras com minha mente, mas é útil trabalhando nos dormitórios.

[2] Um gesto no qual as mãos são acenadas rapidamente para frente e para trás, com as palmas viradas para frente e os dedos abertos, normalmente usados para expressar ou indicar excitação ou triunfo.

— Essa conversa é ridícula. Estamos tentando diminuir os talentos um do outro. Habilidades que a maioria das pessoas não acredita existir, mas sonha em ter. A única coisa mais idiota que essa conversa seria um monte de super-heróis por aí reclamando.

— É verdade, mas você certamente lamentaria sobre as calças coladas e capas.

—Lycra demais. — Eu não tenho nada a esconder. Eu corro quase todos os dias. No entanto, ninguém precisa ver um homem espremido em um macacão.

— Acontece que tenho pernas incríveis. — Tate gira uma vez, me fazendo rir. — Ei, você quer assistir o último filme da Marvel hoje à noite? Hambúrgueres e irmãos?

É tentador e teria sido um sim automático para mim antes da noite passada. — Sinto muito, tenho planos. Talvez no final da semana?

— Ok. — Ele estuda meu rosto com o olhar estreito. — Isso tem alguma coisa a ver com Madison?

— Nós temos um encontro. — Eu juro que meu coração bate mais rápido com a ideia.

— Finalmente. — Ele não diz mais nada. Em vez disso, pega dois sacos de lixo pelos nós e joga-os do lado de fora.

Tate sabe sobre Madison há dois anos. Ele teve que sofrer a espera tanto quanto eu.

Ele também sabe que estou ignorando todos os conselhos para esperar até que ela tenha oficialmente vinte e um em três

semanas. A visão de minha mãe sempre foi específica sobre a idade de Madison quando nos apaixonaríamos.

Que diferença faz alguns dias quando se trata de amor verdadeiro?

Capitulo Dois

Eu ando do lado de fora do dormitório de Madison como um perseguidor. Estudo a hera subindo pelo prédio e me pergunto se alguém poderia escalar para alcançar as janelas no segundo andar.

Só para constar, eu nunca a persegui.

No mínimo, tentei evitá-la por dois anos, mantendo minha distância. Admirando-a do outro lado do campus, memorizei sua risada e seus traços delicados. Não tem sido fácil ficar longe. Torturante.

Ok, isso soa um pouco assustador. Juro que tudo foi inocente.

Eu sofri a uma distância segura, aprendendo o que pude sobre ela sem interferir. Eu esperei e lentamente me apaixonei sem ela me notar até este semestre. Isso é uma mentira. Me apaixonei na primeira vez que a vi do lado de fora do seu dormitório. Correndo pelas escadas, ela tropeçou e eu estendi a mão para firmá-la. Nós nunca nos tocamos.

Ela não me notou.

O cara sem graça de óculos que nunca fala com ninguém? Esse sou eu.

As palavras do meu pai de quando eu comecei o ensino médio ecoam na minha cabeça.

Seja sem graça.

Ele acreditava que os jesuítas, da escola só para meninos em Boston a qual ele me mandou, poderiam equilibrar qualquer bobagem mágica com a qual minha mãe envenenou minha mente quando criança.

Infelizmente, ele nunca aceitou que minhas habilidades mágicas fossem herdadas como a cor dos olhos ou a forma do lóbulo da orelha.

Claramente, suas crenças puritanas descendiam do seu lado da família e da visão de mundo que carregavam com eles no Mayflower[3].

Fale sobre os opostos que se atraem. Meus pais não poderiam ser mais diferentes.

Uma bruxa entra em um bar e conhece um futuro advogado, soa como o começo de uma piada de mau gosto.

Eu acho que isso faz de mim a graça da piada.

Este sou eu. Uma piada em uma comédia.

— Oi, — Madison fala atrás de mim. — Desculpe o atraso.

No quadro geral, ela está adiantada, mas não digo isso a ela. — Você está na hora.

Ela retorna meu sorriso. — Então, aonde você vai me levar?

— É uma surpresa. — Eu levanto meu cotovelo para ela enlaçar seu braço no meu.

— Outro local sombrio e misterioso?

— O Livro Negro não serve jantar.

---

[3] Mayflower é o navio em que imigrantes europeus chegaram na América.

— Eu gosto daquele lugar, mas não consigo imaginar que poderíamos ver qualquer coisa que estivéssemos comendo à noite.

Meu café favorito, o Livro Negro, administrado por Martha que é uma das minhas pessoas preferidas, foi o local do nosso primeiro encontro. Se um inocente chocolate quente a tarde pode contar como um encontro, então foi o nosso primeiro. No entanto, esta noite é o nosso começo oficial.

Nos levo para fora do campus e em direção às ruas de paralelepípedos do centro da cidade. Nós passamos os museus de bruxa e decorações dispersas de Halloween da festa municipal da noite passada. Pelo menos as calçadas foram limpas.

Menos de vinte e quatro horas se passaram desde nossas revelações da meia-noite. Eu posso sentir o poder do Samhain[4] diminuir quando a barreira entre o nosso e o mundo dos espíritos volta a tecer e engrossar. A maioria das pessoas não percebe o refluxo da magia, porque atribui a sensação à decepção posterior a um grande evento.

A partir de agora até o Natal no solstício de inverno, quando entramos nos dias mais escuros do ano, a magia se acalma. Seja qual for a magia posta em movimento entre Mabon, no equinócio de outono, e Samhain na noite passada, seguirá seu curso. As leis da física aparentemente se aplicam a feitiços, encantamentos e

[4] Samhaim era o festival em que se comemora a passagem do ano dos celtas. Marca o fim do ano velho e o começo do ano novo. O Samhain inicia o inverno, uma das duas estações do ano dos celtas. O início da outra estação, o verão, é celebrado no festival de Beltane. Este festival, Samhain, é chamado de Samonios na Gália.

maldições. A menos que o coven vote para intervir em uma questão de consequências terríveis, a maioria das bruxas se acomodam por alguns meses de inatividade. Mamãe vai fechar a loja daqui a um dia ou dois, já que a demanda por todas as coisas mágicas diminui. É como uma hibernação pós-natal para a maior parte do mundo mágico, até que o período natalício devolva a luz.

Isso me faz sentir confiante de que fiz a coisa certa em ser honesto com Madison na noite passada, em vez de esperar até o aniversário dela. Tudo a postos antes da 'Véspera de Todos os Santos' à meia-noite, é um bom augúrio para Madison e eu.

Quando passamos pelo antigo grande hotel de Salem, com seus enormes pilares brancos, e nos dirigimos em direção ao antigo porto, um vento frio sopra em nossos rostos. Madison abaixa a cabeça e aperta o cachecol xadrez vermelho.

— Eu não estou pronta para o inverno. — A lã em volta do pescoço abafa suas palavras.

— Nunca tema a mudança das estações. — Eu puxo o cachecol do queixo para beijá-la. — Eu prometo mantê-la aquecida.

Seja pelas minhas palavras, o beijo ou o frio, suas bochechas coram com rubor.

Por cima do seu ombro, vejo o movimento quando atravessamos o cruzamento. Um gato preto corre para trás do museu e para no muro baixo que rodeia o memorial aos julgamentos de bruxas. Ele caminha até chegar ao local onde o nome da minha família, Wildes, está esculpido na pedra. Conheço o memorial de cor

e posso dizer todos os nomes, datas de suas mortes e se a vítima era ou não uma bruxa de verdade.

O gato para e senta, deixando a cauda balançar na frente das pedras como um pêndulo de relógio antigo.

Eu juro que o gato pisca seus olhos amarelos brilhantes para mim duas vezes antes de pular da borda e rebater uma folha morta ao redor como um rato. Pelo menos a esta distância, acho que é uma folha e não um rato.

— Andrew?

Eu mudo meu foco do gato de volta para Madison. — Sim?

— Você se distraiu totalmente por um segundo. Como se tivesse visto um fantasma.

Eu dou-lhe um sorriso suave. — Não é um fantasma, mais como algo familiar.

Quando olho para o parque, o gato se foi. Balanço a cabeça, certo de que estou imaginando o gato da minha mãe vagando pelas ruas. É mais provável que esteja dormindo em uma pilha de papéis na loja ou aninhado em cima do encosto do sofá perto da janela em casa.

— Vamos lá, você está congelando e estamos quase lá. — Eu a guio para um pequeno restaurante de frutos do mar em um deck sobre a água. Durante os meses mais quentes, o deck duplica a capacidade de assentos, mas não está noite. Dentro do espaço azul e branco acentuado pelo piso de madeira acolhedor, somos recebidos

pela anfitriã e levados a uma mesa de madeira rústica no canto, longe da multidão assistindo os Patriots jogar futebol nas TVs do bar.

Uma vez sentado, esfrego as mãos sobre minhas coxas, tentando acalmar meus nervos.

— Você está nervoso? — Madison pergunta.

Eu acho que não sou tão tranquilo quanto acho que sou. Normalmente, sou tão estoico que fui acusado de usar uma máscara. De certa forma, isso é verdade.

Madison é o oposto. Ela tem uma cara de pôquer terrível. Seus olhos revelam seus pensamentos e emoções. À primeira vista eles são simplesmente castanhos, mas mudam continuamente. Às vezes, podem ficar completamente escuros, suas pupilas desaparecendo no marrom profundo das íris. Outras vezes, ouro e verde se revelam em luz brilhante.

— Eu posso estar um pouco.

— Oh, bom. Eu também. — Ela alisa o guardanapo no colo e se agita com seus talheres.

Saber que ela também foi afetada ajuda a me acalmar. Meu joelho para de pular e não tenho mais a vontade de limpar as palmas das mãos na calça jeans para afastar qualquer suor imaginário.

— Não sei por que estou nervoso. Nós saímos antes.

— Estávamos nos beijando menos de vinte e quatro horas atrás. Tive sua língua na minha boca, — ela deixa escapar.

As palavras pairam sobre nós por alguns segundos. Um garçom e um ajudante param para nos olhar.

— Por favor, diga-me que não disse isso alto o suficiente para que todos me ouvissem.

Meu riso libera mais constrangimento. — Acho que só o ajudante de garçons e talvez a família de quatro pessoas sentada bem atrás de você.

Ela gira para se certificar de que não gritou sobre o beijo de língua na frente das crianças. — Espero que apenas o ajudante dos garçons tenha ouvido.

— Por quê? Eu estava lá. Ele não estava.

— Eu lembro, — ela sussurra. Enquanto minha ansiedade desaparece, a dela parece estar aumentando. Não posso dizer se está envergonhada por causa de sua explosão ou a ideia de me beijar. Preciso de mais dados.

— Tenho uma ideia, — eu sussurro.

Ela encontra meus olhos. A luz da pequena vela na mesa aquece o marrom chocolate.

Não sou muito falador, então me inclino sobre a mesa pequena e roço meus lábios contra os dela para mostrar que me lembro da noite passada também. Estou prestes a aprofundar o beijo quando alguém tosse educadamente à minha direita.

O garçom idiota está segurando uma cesta de pão e um jarro de água. Acho que poderíamos ter sobrevivido sem desmaiar de fome por mais um minuto... ou cinco.

Sorrindo, Madison agradece a ele. — Estou faminta.

Recosto-me na minha cadeira e mordo um bocado do pão quente, deixando a manteiga salgada cobrir minha língua. Madison lambe uma gota do dedo dela.

Eu me inclino para frente novamente. — Isso vai soar potencialmente estranho e eu provavelmente nem deveria dizer nada, mas senti sua falta hoje.

Me encolho com o quão desesperado pareço. Para mim, vivi com esses sentimentos por dois anos, mas para ela, nos conhecemos há alguns meses. A pior coisa que posso fazer é assustá-la.

Meu cenário típico em torno das mulheres é neutro. Elas me intrigam, mas não me perturbam da mesma forma que Madison faz. Ninguém nunca me afetou como ela pode com um único olhar ou palavra. Nada a ver com qualquer previsão ou magia. Ela é um tipo de beleza à moda antiga, com um nariz delicado e queixo forte. Com seus grandes olhos escuros em uma pele pálida emoldurada por cabelos escuros, ela é uma beleza clássica como diria meu padrinho. Sua aparência delicada esconde seu fogo e inteligência.

Ela é extraordinária.

Nosso garçom retorna por nosso pedido. Eu digo que quero o que Madison pedir, ganhando um olhar engraçado dela.

Eu rio quando nossas saladas gêmeas chegam.

— A sério? Você só vai comer uma salada? Você disse que estava morrendo de fome. Você não está com fome? — Eu corto um pedaço de alface romana. — Espere, você não está fazendo a coisa “a

garota que só come uma salada num encontro", está? Por favor, me diga que não é por isso.

— Eu gosto de salada. — Ela espeta uma torrada com seu garfo. — Eles fazem o melhor molho Caesar caseiro aqui. Com alho e verdadeiro...

Não consigo ouvir o resto porque ela cobriu a boca com a mão.

— Está tudo bem?

Ela não está falando e fico preocupado que esteja sufocando. Estou a cerca de dois segundos de sair da minha cadeira para dar-lhe o Heimlich[5] quando ela move a mão.

— Eu sou terrível em encontros.

— Por quê?

— Eu pedi a pior coisa no cardápio para um encontro. Molho de alho fedorento. Eu sou amaldiçoada.

— Bem, quando você coloca dessa maneira. — Eu dou uma grande mordida. — É uma coisa boa que ambos estamos comendo a salada.

Hesitantemente, ela dá outra mordida. — Da próxima vez você deve pedir para nós dois.

— Muito antiquado da sua parte. Eu te imaginei como uma garota moderna. Insistindo na divisão da conta até o último centavo. — Dou-lhe um sorriso tímido, esperando que ela perceba que estou provocando. Estou muito ocupado concentrando-me em minha piada estúpida que levo um momento para o meu cérebro processar suas

[5] Heimlich é manobra para desengasgar pessoas

palavras. — Da próxima vez, vou pagar também. Eu sou da velha escola quando se trata de encontros.

Eu amo o jeito que seu sorriso começa pequeno antes de suas expressões se iluminarem com isso. Diversão faísca em seus olhos.

Passamos o resto da refeição conversando sobre a festa e as aulas em Hawthorne, nossos escritores favoritos, comida, filmes e crescer em Massachusetts.

— Meus pais ainda moram na fazenda deles em Hardwick.

— Eu não imaginei você como uma garota de fazenda. Sam parece mais ser criada na fazenda, toda 'ideal americano'. — Eu falo sobre a companheira de quarto de Madison porque as duas não poderiam ser mais diferentes. Enquanto Madison é pequena e morena, Sam se assemelha a um talo de milho com sua altura e cabelos loiros. Talvez não seja a descrição mais lisonjeira, mas não é imprecisa também.

— Ela é saudável por fora, mas não deixe o sorriso perfeito te enganar. Há um coração sombrio sob as tranças loiras.

— O que está sob sua beleza morena? Arco-íris e gatinhos?

Ela inclina a cabeça para trás e ri. — Sim, eu sou noventa e sete por cento recheada de arco-íris.

— Você tem a melhor risada. Você deveria fazer isso com mais frequência.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre o seu sorriso, vejo que você está de volta ao seu disfarce. — Ela aponta para meus óculos e lentes de contato marrons. Os dois combinam para me ajudar a ser

normal. — Sinto falta da cor real dos seus olhos. Acho que prefiro o azul.

— Bom saber. É mais fácil assim, mas quando estamos sozinhos, você sempre terá o meu verdadeiro eu.

Seu sorriso retorna.

— Acho que precisamos de sobremesa para equilibrar a salada. Concorda? — Eu pergunto.

— Algo de chocolate.

— Definitivamente.

Não quero que o encontro acabe, mas quando terminamos a sobremesa, olho em volta para o restaurante vazio. Na sala da frente, as cadeiras estão de cabeça para baixo nas mesas de madeira. Nosso garçom e o ajudante de garçom estão sentados no bar, conversando com o barman enquanto as últimas notícias passam.

— Onde todos foram?

— Eles desapareceram como mágica. — Ela pressiona os lábios para reprimir seu sorriso. É adorável.

— Puf!

— Você pode fazer isso? — Seu rosto está sério.

— Fazer uma sala cheia de pessoas desaparecer? Eu não sou um mágico ou ilusionista que faz truques.

— Desculpe. Isso tudo é novo para mim. — Ela coloca o cabelo atrás de uma orelha.

— Certamente Sam e sua fascinação Wicca explicaram alguns elementos. — Eu toco sua mão para tranquilizá-la. Sam é uma cliente

regular na loja da minha mãe e frequenta as reuniões públicas do coven.

— Além de me manchar com sálvia ardente e me fazer cheirar como um jantar de Ação de Graças, eu realmente não pergunto sobre bruxaria. Ela me provoca sobre eu ser descendente das bruxas de Salem, mas eu não sou mágica. Acho que saberia.

— Você sempre pode me perguntar qualquer coisa. Existem algumas regras do coven sobre o compartilhamento de conhecimento com os não iniciados, mas por outro lado, sou um livro aberto.

— Você está em um coven?

— Certamente. Todo mundo não está? — Eu sorrio para ela. — É principalmente um grupo de amigos da minha mãe. Pense em um grupo de tricô ou clube do livro.

— Sam disse que havia torta de maçã depois da cerimônia de Mabon que ela foi em setembro.

— O coven ama uma boa refeição comunitária. Martha sempre traz as tortas.

— Martha? Ela é uma bruxa?

Eu concordo. Não acho que Martha ficaria louca por eu divulgá-la. Desde a primeira visita de Madison, ela sempre pergunta sobre a minha namorada. Sem pressão ou qualquer coisa.

— Alguém mais que eu conheça? — Ela pergunta.

— Várias, mas isso é para outra hora.

Ela não discute comigo sobre a conta e eu pago em dinheiro, deixando uma gorjeta generosa por ocupar a mesa toda a noite.

Uma leve chuva cai quando saímos. Muito suave para pingar dos telhados do carro, mas mais do que uma névoa, trazendo o cheiro salgado do porto atrás de nós.

— Porcaria. Eu não trouxe guarda-chuva.

Eu sorrio. — Quer que eu cuide disso?

— Estamos falando de você segurando sua jaqueta sobre nossas cabeças? Ou alguma outra coisa?

— O último.

— Me mostre. — Ela parece ansiosa para ver mais depois que revelei minhas habilidades de iniciar fogo na última noite.

Concentrando-me no céu, foco em cada gota de chuva enquanto elas caem até que eu possa fazê-las voltar para as nuvens. — Não vai durar muito tempo, então teremos que correr para casa. — Estendo a mão para ela tomar.

Com os dedos interligados, nós pegamos o ritmo, rindo e imitando marchadores olímpicos com a nossa caminhada acelerada. Quando chegamos ao cruzamento perto do memorial, olho para a parede, nenhum gato preto. Eu vejo uma sombra no canto que poderia ser um homem, mas não paro tempo suficiente para confirmar. Provavelmente não é nada mais do que a luz da rua brilhando atrás de uma árvore.

Voltamos para onde começamos a noite. Madison faz uma pausa, parecendo incerta sobre as chances de um beijo de boa

noite. Se ela soubesse que eu queria passar a noite beijando-a. O alho não vai me manter longe. Não sou um vampiro.

Eu não dou a ela mais oportunidade para se remoer em dúvidas.

Usando a ponta do meu dedo, levanto seu queixo e roço meus lábios do canto do queixo para a sombra sob o lábio inferior cheio. Ela suspira contra a minha bochecha enquanto beijo o canto da sua boca e, em seguida, pressiono levemente meus lábios contra os dela.

Conforme o beijo se intensifica, nossos corpos se aproximam. Seus braços se esgueiram pelas minhas costas. Eu seguro sua bochecha com uma mão e a outra descansa entre suas omoplatas. Amaldiçoando as camadas entre nós, puxo o cachecol para tocar seu pescoço. Eu me elevo sobre ela, mas nossos corpos se encaixam perfeitamente. Como se fôssemos feitos um para o outro.

Se eu acreditar na profecia de minha mãe, talvez sejamos.

Capitulo Três

Segunda de manhã meu telefone vibra com uma ligação. Olhando para baixo enquanto ando pelo campus, vejo o nome do meu pai. Penso em deixar a chamada ir para o correio de voz, mas isso apenas atrasará o inevitável.

— Andrew. — Ele responde como se eu estivesse incomodando, embora ele quem tivesse ligado.

— Olá, pai.

— Bem, — ele responde como se eu tivesse perguntado como ele está, — e você?

— Bem. Estou a caminho do laboratório. Você precisa de algo específico?

— Não, não posso ligar para o meu filho e conversar?

Ele nunca ligou para conversar. Nunca.

— Como está a vida amorosa?

Esta conversa está correndo rumo ao bizarro. Nós não falamos sobre minha vida social. Além de notas e programas de pós-graduação, não falamos de mim. Ou quase nada. Ocasionalmente, ele me chama de volta a Boston para jantar. Eu pego o trem e passo mais tempo em trânsito do que criando laços com ele. Eu sempre saio sentindo que ele está mantendo o controle sobre mim e minha mãe, em vez de estar genuinamente curioso sobre a minha vida ou interesses.

Sentindo-me defensivo, decido ser honesto. — Na verdade eu tive um encontro na noite passada.

Sua inspiração afiada me surpreende. — Bom, bom. Ela é de Salem?

— Não, do interior de Massachusetts. Cidade pequena. — Eu resisto a dizer-lhe mais sobre Madison. Seu interesse repentino na minha vida não parece certo.

— Maravilhoso. Ela parece uma garota legal.

Com base na localização de sua cidade natal? — Ela é.

— Excelente. Traga-a a Boston para jantar algum dia. Estou atrasado para uma reunião. Bom saber de você. Fique longe de problemas.

O significado entre as palavras dele é manter-me longe da magia. Ele martelou seus avisos na minha cabeça por anos. — OK. Você também...

A chamada termina e fico olhando para o meu telefone sem acreditar enquanto subo as escadas no meio do pátio. — Idiota.

Porque não estou olhando para onde estou indo, esbarro em alguém.

— Wow, quem você está chamando de idiota?

Hamilton.

— Desculpe. Não vi você, — murmuro.

Ele balança a cabeça como cumprimento. — Wildes. Como vai, cara?

Na lista de todas as pessoas no mundo que não quero falar nesta manhã, Luke Hamilton só fica atrás do meu pai. Ao contrário do famoso musical da Broadway, ninguém quer ver esse Hamilton[6]. Os dois quebraram a névoa de felicidade em que tenho andado desde o encontro da noite passada com Madison. Nós provavelmente ainda estaríamos nos beijando do lado de fora de seu dormitório se a chuva não tivesse voltado e nos ensopado. Acontece que eu não sou muito bom em multitarefas, e me concentrar em um feitiço enquanto beijava Madison. Coisas que tenho de melhorar. Nós vamos ter que praticar na próxima vez que chover.

— Hamilton. — Eu tento contorná-lo, mas ele não se move. Ele nem se desvia, o que a maioria das pessoas faria. É o pior tipo de cara no campus. Arrogante e metido, é tão cheio de si que geralmente suga o ar de qualquer sala que ocupa enquanto baixa simultaneamente o QI coletivo. O cara é um buraco negro ambulante cheio de testosterona. Ele é um cara vazio. Eu nem tenho certeza do que ele está fazendo nessa pequena faculdade. Ele parece mais adequado para andar em grandes grupos de caras semelhantes, em grandes escolas estaduais. Ou assim imagino.

Em vez de avançar, ele para bem na minha frente, bloqueando meu caminho nas escadas.

Ele ainda está falando. — E aí cara. Festa de Halloween muito legal.

[6] Hamilton é um musical concorrido, com ingressos esgotados, que todos querem ver, daí a referência.

— Hum, obrigado? Você deveria dizer a Tate. Sua casa, sua festa.

— Oh, eu vou. Tantos doces Betties lá. — Ele acena e dá um tapinha no meu ombro, como se eu tivesse concordado com ele.

Assumo que "Betties" é uma gíria legal que não conheço. Eu não me incomodo em perguntar.

Ele não está fazendo nada pelo meu mau humor depois de falar com meu pai.

— Algo que eu posso fazer por você? — Estou prestes a me afastar dessa fascinante troca quando algo vermelho em seu pulso me chama a atenção. Estendendo a mão para pegar sua manga, aponto para a pele exposta. — Onde você conseguiu isso?

Ele levanta a mão e puxa a fita vermelha, torcendo-a para me mostrar o familiar coração prateado. — Madison deu para mim.

Eu arqueio minha sobrancelha esquerda. — Ah, é mesmo?

— Sim.

— Ela entregou a você e disse que era um presente? Dela para você?

— Não. — Ele consegue parecer mais confuso do que o habitual. — Ela fez o lance da Cinderela completo. Deixou cair e desapareceu. Pelo menos não é o sapato dela. Não sou um daqueles caras esquisitos que usam sapatos femininos.

Sua lógica de contos de fadas me surpreende. Eu nunca o achei um fã de princesas. Ou um cara com fetiche por pés. Então, novamente, nunca lhe dei muita atenção.

— Certo. Ela sabe que você o tem?

— Ela me disse para guardá-lo. — Ele achata a língua dentro de seu lábio inferior. Isso faz com que ele pareça um sapo, um sapo mentiroso.

— Como você explica isso para sua namorada?

— Nenhuma corrente nessas bolas. — Ele gesticula desnecessariamente para sua virilha. — Entre nós, depois do Halloween, percebi que Madison é a única para mim.

— Não, ela não é. Definitivamente não. — Percebo que dei um passo à frente em seu espaço pessoal.

— Não é algo que você possa opinar, não é? Ela me deu seu coração. — Ele balança o pulso na minha cara.

Quero arrancar a fita e socá-lo com seu próprio punho.

Juro que não sou um cara violento, mas agora não vejo nada além do vermelho do sangue de Hamilton.

É claro que o nó poderia se soltar e escorregar de seu pulso com uma pequena ajuda minha. E o que? O falso coração de prata e a fita que vale um centavo não são o problema.

Hamilton acredita que ela o escolheu. Ele acha que ela o quer novamente.

Errado.

Ela é minha agora.

Minha Madison.

A palavra *minha* começa a circular na minha mente como um homem das cavernas.

— Cara, você está meio que invadindo o ‘Espaço Luke’ agora. Você pode dar um passo atrás?

Estou a centímetros do seu rosto. Não me lembro de me mexer.

Ainda pensando em socá-lo, me afasto e murmuro: — Desculpe.

— Você está agindo de forma estranha, Wildes. Quero dizer, mais estranho do que o habitual. — Ele puxa a manga do casaco sobre o pulso.

Eu tiro meu cabelo da minha testa. — Eu não acho que ela esteja interessada em você.

— Quem?

— Madison

— Meu pulso diz o contrário.

— Faz dias desde o Halloween. Você falou com ela? — Meu estômago se contrai ante a ideia. Eu sei que ela não está interessada em Hamilton. Quando ela teria tempo para sair com ele?

— Não há necessidade de apressar essas coisas. Ela me deu o sinal e agora estou indo devagar.

Idiota.

Pelo menos eu tenho a vantagem do bom senso sobre o meu rival.

O fato de eu estar mesmo considerando Luke como um rival me assusta.

Eu não sou do tipo ciumento e possessivo. Nunca fui.

Minha vida é estruturada em torno de lógica, hipóteses, pesquisas, problemas e soluções. Ciúme e raiva têm pouco valor em minha vida. Emoções sem sentido.

Então, por que estou sentindo isso agora e visando esse idiota?

Gostaria que ele estivesse sentado em uma cadeira que eu pudesse puxar debaixo dele.

Algo inofensivo, mas embaraçoso para ele e divertido para mim.

Como ele tropeçando em seus próprios pés.

Isso vai funcionar.

— Isso foi interessante. Estou atrasado para o laboratório. Que o melhor homem ganhe a garota. — Enquanto passo por ele, bato seu ombro com o meu. Ok, é mais um empurrão, o suficiente para tirar um pouco seu equilíbrio.

Quando ele tenta se equilibrar, imagino seus pés perto da borda do degrau.

Sem me virar, o grito e o som de sapatos batendo no concreto me dizem que a visão na minha cabeça está se desenrolando atrás de mim.

Com um grunhido alto, ele cai de bunda. — Mas que porr...

— Sr. Wildes? — O professor Philips para na minha frente.

Eu sei pela sua expressão que ele testemunhou meu encontro e a queda de Hamilton. — Olá, Senhor.

— Talvez você possa me fazer uma visita durante meu horário de expediente esta semana. Acho que estamos muito atrasados para uma conversa.

Eu sei que não estou falhando em sua disciplina. Na verdade, ele me disse que eu deveria ser o seu assistente, apesar de ser da área química em uma aula de literatura de nível superior. — Vou me certificar de passar por aqui.

— Traga a senhorita Bradbury com você. — Ele continua descendo as escadas, onde Hamilton ainda se encontra xingando e reclamando. — Senhor Luke, levante-se antes que alguém te confunda com um mendigo.

Eu rio da versão de reprimenda do professor enquanto atravesso o campus para fazer a aula no laboratório.

Capitulo Quatro

— É um ato de misericórdia esmagar abóboras depois do Halloween. Poupa-lhes a morte longa e lenta de apodrecer de dentro para fora. — Eu olho para uma pilha inclinada de restos de lanternas de abóboras fora de uma casa em estilo colonial. Com exceção de deixar vegetais em decomposição na varanda, tenho certeza de que as pessoas que moram lá são perfeitamente legais.

— Você está mórbido hoje, — diz Tate. — Mais do que o habitual.

— O que é pior? Esmagar uma abóbora ou deixá-la mofar e apodrecer nos degraus da sua varanda até que ela desmorone em uma poça de sua própria morte pútrida?

— Definitivamente mais. O que há com você? — Ele se afasta de mim.

— Eu não sei. Eu não entendo as pessoas. O Halloween acabou. Encerrou. Terminou. A abóbora podre da semana passada não vai fazer o tempo voltar.

— Você e Madison brigaram ou algo assim? Ela percebeu que pobre diabo você é e já terminou com você?

— Não.

— Você deveria parecer mais feliz sobre isso. — Ele saí da calçada para evitar uma árvore de bordo plantada na beira da calçada.

Tate está certo. Eu sou um idiota miserável. Para um cara que finalmente tem a garota dos seus sonhos, eu deveria estar mais feliz. Isso não faz sentido.

— Estou feliz com Madison. — Eu chuto uma abóbora de um degrau baixo para a sarjeta, onde ela cai com um suave espatifar.

— Destruir coisas definitivamente grita felicidade.

— Eu estou fazendo um serviço público. — Eu olho feio para ele. Ele está muito excitado e sorridente demais para o meu humor hoje. Com seus dreadlocks loiros, ele parece estar em férias tropicais permanentes. O sorriso presunçoso que ele insiste em continuamente fixar em seu rosto estúpido e simétrico só aumenta o meu aborrecimento. Preciso de um amigo mais feio que não assobie quando está tentando segurar a língua.

Eu chuto outra abóbora. Esta é esculpida como um minion de um olho só e merece morrer. O projétil de abóbora assusta um gato preto que pula no capô de um carro estacionado e me encara.

— Ok então. — Tate ergue seus longos braços de macaco como se ele estivesse com medo de mim. — Talvez você devesse voltar para a cama.

— Talvez... — Eu me interrompo antes de lhe dizer onde deve enfiar o seu conselho. Estou de mau humor. Um humor negro. Eu viro minha cabeça para trás para confirmar que não há uma nuvem escura acima de mim. Surpreendentemente, não há.

Quando olho para Tate, ele franze o rosto esperando que eu o xingue.

— Talvez eu esteja de mau humor. — Dou um olhar de soslaio para três abóboras brancas empilhadas e esculpidas para lembrar Olaf de Frozen. É preciso todo o meu controle para não pisar nelas. Eu mudo de rumo, atravessando meio quarteirão da rua. As paredes de pedra de Hawthorne entram em vista.

— Se isso é um mau humor, eu odiaria ver você com raiva. — Ele reajusta sua mochila. — Agora que penso sobre isso, eu nunca vi você com raiva. Ou nunca irritado assim. Não em todos os anos que nos conhecemos. E isso é muito tempo.

— Por que você não usa seus poderes calmantes em mim?

— Confie em mim. Eu estive tentando. Tudo está ricocheteando em você e fracassando. Você descobriu como criar seu próprio campo de força pessoal?

— Hah. — Esticando meus braços acima da minha cabeça, eu tento me livrar da negatividade. — Eu não tenho certeza do que está acontecendo comigo.

— Tudo bem com Madison?

Quando passamos pelos antigos portões de ferro forjado do campus, um pequeno sorriso quebra minha expressão carrancuda. — Faz apenas uma semana desde o Halloween, mas sim, muito bem.

Madison é minha namorada. Pelo menos eu a considero minha namorada. Embora, não tenha certeza se aos vinte e um anos eu preciso pedir a ela para namorar firme. Eu realmente não sei como essas coisas funcionam com adultos. Tenho uma queda por ela desde o seu primeiro ano, embora ela não soubesse da minha existência até

este semestre. Às vezes, minha capacidade de ser invisível à vista de todos funciona muito bem.

Não vou perguntar a Tate sobre os detalhes mais sutis do namoro. Ele é a última pessoa da qual eu sequer aceitaria conselhos sobre assuntos do coração. Não estou dizendo que ele é insensível, mas ele mantém suas emoções protegidas atrás de uma parede coberta com arame farpado. Irônico para um cara com o dom da empatia.

— É melhor você sair do seu estado de rabugice, sua mulher está esperando por você. — Ele aponta para os degraus da biblioteca a uma curta distância. Alunos e docentes circulam entre as aulas. Todo mundo parece estar em movimento e indo a direções diferentes.

Eu localizo o cabelo escuro de Madison imediatamente no meio da multidão. Em seu casaco vermelho, ela se destaca entre os moletons e lãs. Meu sorriso se transforma em um sorriso maior.

Tate bate no meu ombro com o dele. — Eu estou pensando que você precisa ficar perto dela e manter seu mau humor longe.

Madison passa a mão pelo cabelo e se vira para nos encarar, feliz surpresa iluminando seu rosto.

Meu humor se ilumina com a visão dela e eu aceno como uma criança.

Ignorando a risada de Tate atrás de mim, dou um jeito de passar por um pequeno grupo de estudantes no meu caminho.

Eu subo os degraus, ignorando todos os outros para chegar a ela mais rápido. Quando a pego em meus braços, seus olhos se arregalam. A onda de frio hoje torna sua pele mais vermelha, mas minha jogada ousada adiciona outra camada de rubor rosa.

Abraçando-a, enterro meu nariz entre a gola do casaco e o pescoço, inalando. Ao contrário daquela vez que ela cheirava como um frango assado, seu aroma típico é de baunilha doce e de especiarias. Não de xarope de abóbora, embora ela beba bastante deles.

— Oi para você também. — Uma risada segue suas palavras.

Apertando meu braço ao redor de suas costas, corro meu nariz ao longo de seu pescoço. — Senti sua falta.

— Ele está minimizando o quão miserável e idiota ele tem sido toda a manhã.

— Oi, Tate. — Madison o espreita por cima do meu ombro.

— Ignore-o. — Eu beijo a pele macia de seu pescoço antes de liberá-la dos meus braços e ajudá-la a se equilibrar. — Ele está entusiasmado em se tornar o novo presidente da Sociedade Protetora das Abóboras.

Madison me encara. — Por favor, me diga que não é uma coisa real.

— Eu não descartaria isso. Esta é a Nova Inglaterra. Nós temos uma sociedade para tudo. — Tate para ao meu lado. — Incluindo as secretas.

— Eu acho que tive minha quota de sociedades secretas ultimamente. Com Sam dançando na floresta com velas ao… Halloween, acho que estou no limite para revelações este mês.

Tate enrijece ao meu lado, fazendo-me encará-lo. — Você não contou a ela sobre a cerimônia de iniciação supersecreta?

— Iniciação? Cerimônia? —A voz de Madison é um grito.

Descansando a mão pesadamente em seu ombro, Tate se inclina perto de seu rosto. — Não deixe a parte de sangue te assustar.

— Sangue? — O rosado de sua pele desaparece. Seu cabelo varre sua bochecha quando ela gira em minha direção. — Andrew?

A risada zurrada da irritante mula que é meu melhor amigo para quando eu o soco no ombro. — Pare de tocá-la.

— Aí. — Ele esfrega o local onde meu punho bateu. Eu não bati nele tão forte. — Jesussss. Seu senso de humor está preso em uma daquelas abóboras que você esmagou?

— Você está esmagando abóboras[7]?

— A banda de rock alternativo dos anos 90? Não. — Eu enfio o cabelo dela atrás da orelha e sorrio para ela. — Vê? Eu ainda tenho meu senso de humor. Tate está brincando. O coven não utiliza sangue atualmente.

Dou uma bicada em seus lábios para mostrar a ela que estou brincando. Quando minha boca entra em contato com a dela,

[7] The Smashing Pumpkins é uma banda de rock alternativo norte-americana, a palavra “smashing” pode ser também “esmagando”.

arrepios surgem pelos meus braços. Meu peito ressoa com um rosnado de posse.

Uma possessividade toma conta de mim. Eu seguro suas bochechas com minhas mãos, precisando beijá-la de verdade aqui na frente de Tate e da quadra cheia de estudantes para que eles saibam que ela está comigo e indisponível. Ela está fora dos limites. Eles não merecem olhar para ela, muito menos tocá-la.

Tate faz aquela coisa irritante de limpar a garganta fingindo tossir. Espero que ele engasgue com sua língua. A distração é suficiente para interromper meu beijo com Madison. Ela se afasta e pisca os olhos para me encarar.

Estou esperando ver luxúria, talvez uma faísca de amor, e talvez admiração em seus olhos. Qualquer que seja a emoção, ela deve mostrá-la por todo o rosto depois desse beijo.

Em vez disso, sou recebido por choque misturado com uma explosão de raiva.

Confuso, avanço para outro beijo. Péssima ideia.

Ela pressiona as palmas das mãos no meu peito. — Andrew?

Eu abaixo minha cabeça, evitando seu olhar.

— Cara, você passou de invisível para o espetáculo do campus. — Tate acrescenta seu palpite não solicitado.

— Foi apenas um beijo.

— Hum. — Madison desloca seus pés e percebo que minhas mãos não estão mais na parte inferior das suas costas. Elas se

dirigiram para baixo e eu estou não tão gentilmente agarrando sua bunda. Nas escadarias da biblioteca. Na frente do campus.

Eu olho ao redor e vejo que várias pessoas estão olhando com a boca aberta. Isso me irrita. — O que vocês estão olhando?

Meu grito assusta um baixinho de capuz dos Patriots e boné decorado com um B. Ele desce correndo pelos degraus.

— O que está acontecendo com você? — Madison parece preocupada quando puxa minha manga. — Pare de gritar com as pessoas.

— Eu não estava gritando. — Abaixo minha cabeça com vergonha e suspiro. Alguma coisa está errada. A sensação feliz de ver Madison e beijá-la evapora. — Desculpe. Estou sendo um idiota.

Eu coloco minhas mãos nos bolsos da frente da minha calça jeans.

— Por que você está agindo como um tipo Heathcliff[8] idiota alfa? — Ela segura minha manga e eu relaxo a mão esquerda para segurar a dela.

Entrelaçando nossos dedos, levanto nossas mãos unidas para beijar o lado de seu polegar. — Eu não faço ideia.

Porque eu não faço.

— Estou atrasado para uma reunião de AR[9]. Você acha que pode tentar ser normal por um tempo, Andrew, sem criar um caos

[8] Heathcliff é personagem do livro 'O morro dos ventos uivantes', atormentado, obscuro, vingativo e louco.

[9] AR é assistente residente do dormitório.

em massa com danos colaterais? — Tate muda seu peso e ajusta a mochila em seu ombro. Sem falar em voz alta, ele me diz que está fazendo algum controle de danos invisível.

Eu aceno e Madison sorri para ele.

— Veremos. Se ele se transformar em um sapo, tenho um recipiente vazio do almoço onde posso guardá-lo. — Ela aponta para sua bolsa.

Tate relincha e sorri para Madison, reacendendo meu aborrecimento.

— Pare de tentar matar seu melhor amigo com seu olhar, — Madison sussurra.

— Que melhor amigo ele é, — resmungo enquanto olho para a parte de trás de seus dreads. — Como acabei sendo amigo de um aspirante a Rastafari branco?

— Você tem sorte de ter amigos. — Ela ainda está brincando, mas por baixo de seu sorriso há uma lâmina afiada de verdade em sua declaração.

— Eu tenho sorte de ter você. — Eu me inclino para beijar suavemente o canto de sua boca. Ela sorri quando faço contato com sua pele. — Sinto muito que estou um bastardo irritadiço hoje.

— Talvez você esteja faminto-irritado[10]? Temos tempo para comer alguma coisa antes da aula.

Quinta-feira é o único dia da semana em que nossos horários se alinham para almoçarmos juntos.

---

[10] Faminto – irritado: hangry - hungry+angry ou seja, esfomirritado,bravinto,etc.

Caso contrário, nos encontramos em nossa classe de literatura, o destaque da minha semana. Adoro ouvir sua paixão por pessoas imaginárias e as injustiças que elas sofrem. Ela é a razão pela qual eu estou fazendo uma aula de nível superior de literatura inglesa da Nova Inglaterra, embora estude química. Às vezes é bom ter conexões na secretaria.

Eu abaixo minhas sobrancelhas e bufo. — Eu já lanchei.

— OK. Sou eu? Eu disse alguma coisa ou fiz alguma coisa para te deixar chateado?

Odeio a hesitante incerteza em sua voz. Especialmente porque eu coloquei lá.

— Não nunca. Você é perfeita em todos os sentidos. — Eu olho em seus olhos e tento transmitir o quanto acredito nessas palavras.

— Então, qual o motivo dessa mudança de personalidade do Sr. Hyde? Alguém te deu uma poção do mau humor?

— Eu não gostei do jeito que Tate estava olhando para você.

— Como uma pessoa olha para outra pessoa? Ou talvez um amigo?

— Ele não é seu amigo.

— Agora você está com ciúmes do seu melhor amigo? Eu não vou sair com ele sozinha. Eu gosto dele. Como. Um. Amigo. É divertido quando todos saímos juntos. Eu sei que Sam adoraria a ideia de um encontro duplo.

— Sam é uma chata intrometida. — Ela também é a melhor amiga de Madison. Má jogada criticar a melhor amiga.

Eu vejo o impacto do meu julgamento severo de sua colega de quarto a atingir como chumbinhos invisíveis. Ela se encolhe e se afasta de mim.

— Ela não é. — Ela bate no meu peito. — Não sei o que está acontecendo com você, mas você foi de literalmente me impressionar para um grande babaca no intervalo de minutos.

Eu paro o próximo impacto de seu dedo com o meu peito. Eu beijo a ponta. — Você está certa. Devo estar faminto-irritado. Vamos ao café e eu vou te comprar algo com xarope de abóbora nele.

Seu sorriso franze seus olhos. — Isso não vai detonar o seu ódio por abóbora novamente, vai?

— Você está com sorte até o Dia de Ação de Graças. — Coloco meu braço sobre o ombro dela e a puxo para mais perto para que eu possa beijá-la novamente.

Eu preciso descobrir a raiz desse humor antes de afugentá-la.

Algo me diz que a fome não tem nada a ver com isso.

Eu juro que vou afastar esse humor. Se fosse assim tão simples.

Mente sobre a matéria.

O pensamento de algo mais, algo mais sombrio em ação entra em minha mente. Talvez Tate esteja certo. Eu deveria estar mais feliz. Estou feliz, mas me sinto amortecido e abafado. E se...

Eu paro de assumir que a magia tem algo a ver com o meu estado atual. Em vez disso, concentro-me em Madison. Com ela ao meu lado, me sinto melhor.

Capitulo Cinco

O seminário de inglês é sem intercorrências. Estou excepcionalmente orgulhoso por não ter assassinado Luke Hamilton.

Ele aparentemente tomou meu cutucão como um desafio para ganhar Madison de volta. De repente ele está contribuindo na aula como um gigante sabe-tudo. Para um cara que chamou Hester Pryne de puta, ele se preocupa em citar Hawthorne e se gabar de ler algumas fontes secundárias obscuras para pesquisa.

Uma semana atrás, eu teria questionado sua habilidade de ler.

Agora ele não vai calar a boca com suas opiniões e recitar estudiosos para apoiá-lo.

Se ele soasse como seu típico eu idiota, eu poderia não querer estrangulá-lo, mas ele está fazendo bons pontos que fazem Philips acenar concordando.

Se isso fosse um conto de fadas, Hamilton seria o troll sob a ponte ou um Orc[11]*. Sua inevitável derrota e morte seriam aplaudidas. Eu teria reconhecimento dos aldeões com um banquete. Ele não é um Príncipe Encantado oculto. Se alguém é o príncipe disfarçado, sou eu.

Eu encaro o príncipe sapo.

Por sorte, Hamilton está no outro extremo da longa mesa de madeira, longe de Madison e de mim.

Não posso acreditar que ela saiu com ele no primeiro ano.

---

[11] Orc é uma criatura monstruosa.

Posso acreditar que ela lhe deu uma joelhada nas bolas no meio do saguão do dormitório por tocá-la.

Ele mereceu. Como dono da mesma anatomia delicada, posso simpatizar com a dor dele, mas, para falar a verdade, concordo que ele mereceu.

O professor Philips fala sem parar em voz baixa e profunda sobre Hawthorne e sua casa infame. Todas as sete torres estão na água em toda a sua glória sombria a apenas alguns quilômetros daqui. Eu finjo ouvir enquanto desenho círculos na coxa de Madison por baixo da mesa. Ela se contorce e sua respiração fica presa algumas vezes enquanto toma notas. Minha própria caneta está na mesa, sem uso.

— Você não deveria estar escrevendo as coisas? — Ela sussurra enquanto outro aluno fala sobre o significado do número sete.

Me inclino mais perto dela para sussurrar contra seu ouvido. — Eu sugiro que visitemos a casa e deixemos os docentes voluntários fazerem o trabalho por nós.

— Sr. Wildes e Srta. Bradbury, — Philips levanta a voz. — Percebo que o desejo de cochichar é forte com o novo amor, mas eu apreciaria se você pudesse conceder alguns pensamentos não-hormonais dirigidos para o assunto em mão, literatura americana.

O uso da palavra mão me faz pensar que ele sabe exatamente onde minha mão esquerda descansa. Colocando-a na mesa, pego minha caneta negligenciada com a direita.

— Podemos prosseguir?

Madison acena e escreve algo em uma página em branco em seu caderno. *Eu quero desaparecer.*

No meu caderno eu respondo.

Passando bilhetinhos na aula, Srta. Bradbury? Tsk tsk. Por favor, tente dar atenção apenas aos sábios caras brancos na sala.

Ela ri e cobre a boca com a mão.

Pobre Philips. Apesar de sua advertência e paixão pela literatura, nada que ele possa dizer afastará meu foco de Madison. Eu mudo no meu lugar para que nossos antebraços se toquem na mesa. O desejo de tocá-la, manter o contato é forte demais para resistir.

Não faço ideia do que é discutido no resto da aula. Quando Philips encerra sua discussão, coloco meus papéis em minha bolsa e pego a mão de Madison.

— Sr. Wildes?

Eu paro na porta onde estou quase a arrastando da sala.

— Não se esqueça do horário de expediente.

Claro.

Isso estraga meus planos de levá-la de volta ao meu quarto para uma tarde de atividade alimentada por hormônios.

* * *

— Por que estamos indo para a biblioteca? — Madison pergunta enquanto nos conduzo escada acima.

— Privacidade.

Ela me lança um olhar interrogativo, mas me segue até as estantes. Olhando ao redor, encontro uma ala vazia perto da parede dos fundos no segundo andar.

— O que...

— Shh, não fale na biblioteca, — eu sussurro.

Ela abaixa a voz. — O que estamos fazendo aqui e por que precisamos de privacidade?

Eu respondo suas perguntas pressionando meus lábios nos dela.

— Oh. — A palavra nada mais é do que um suspiro.

Eu aproveito quando ela separa seus lábios para deslizar minha língua para dentro. Enquanto minha boca explora a dela, levanto suas mãos acima da cabeça e as mantenho no lugar com as minhas. Isso faz nossos corpos alinhar. Eu engulo seus gemidos suaves e suspiros para não sermos descobertos.

Meu corpo reage à sua proximidade e eu gostaria de tê-la levado de volta ao meu quarto ao invés da biblioteca. Claramente, não estou pensando logicamente em torno dela.

Eu libero a mão dela e ela emaranha os dedos no meu cabelo, gentilmente me puxando para mais perto. Tudo desaparece quando nos beijamos. Perco a noção dos sons tranquilos da biblioteca e até esqueço que estamos expostos a qualquer pessoa que precise de um livro sobre o renascimento italiano.

Ofegante, ela interrompe o beijo e olha para mim. Eu olho em seus olhos, me perdendo em sua profundidade.

* * *

Uma hora depois, após a nossa breve sessão de amassos na biblioteca, estamos do lado de fora da sala do Dr. Philips.

Com a mão que não seguro a de Madison, bato na porta.

Do outro lado vem o som de tosse e um baque surdo de algo mole caindo contra a madeira.

Madison levanta uma sobrancelha. — Dr. Philips? Tudo certo?

A porta se abre, revelando um professor tipicamente desgrenhado, sem o casaco de tweed com remendo no cotovelo. Sua camisa amarrotada ainda ostenta um colarinho engomado, evidência de um melhor começo para o seu dia do que o término.

— Oh, eu estava lendo Wharton. Sem querer ofendê-la, mas ela é a perfeita precursora de um cochilo da tarde. — Ele retirou algumas migalhas de sua camisa e gesticulou seu braço atrás dele. — Entre, entre.

Com uma inspiração profunda, eu me preparo. Eu preciso reforçar as rédeas da minha raiva.

— Estou tão feliz que vocês puderam se juntar a mim hoje. — Sua voz é acolhedora como se ele tivesse nos convidado para comer pizza.

Agora quero pizza e uma caneca de cerveja. Eu me pergunto se Madison já esteve no O Grude.

Hamilton provavelmente costuma ir lá o tempo todo.

Eu franzo a testa.

Madison me empurra quando Philips vira as costas para fechar a porta. — Pare de fazer essa cara.

Eu cruzo meus olhos e mostro minha língua, falando ao mesmo tempo. As palavras saem murmuradas. — Isso é melhor?

— Seu rosto pode congelar nessa posição, Sr. Wildes.

Madison ri de mim sendo pego.

— Senhorita Bradbury, pedi a você que se juntasse a Andrew para esta reunião hoje como uma fonte secundária de pesquisa.

— Estou sendo estudado? — Eu transformo meu rosto em sua expressão normal e plácida e levanto os meus óculos.

— Estou curioso pelo que testemunhei ontem nos degraus e sua aparente mudança de humor hoje na aula.

Eu percorro minha memória da aula. Nada parece fora do comum.

— Você não participou além de rosnar para o Sr. Hamilton e reivindicar a Srta. Bradbury tocando-a continuamente durante toda a discussão.

Eu olho para Madison, mortificado. — Eu fiz isso?

Ela concorda e olha pela janela. — No começo você tinha o braço nas costas da minha cadeira, mas a carícia no cabelo tornou-se uma distração.

— Estou certo de que se a Srta. Bradbury fosse uma gata, ela estaria ronronando.

— Agh. — Remexendo-me na cadeira de madeira desconfortável, cruzo os braços sobre o meu peito.

— Embora eu possa entender o tsunami do amor jovem, agradeceria se você pudesse abster-se de agir sobre seus desejos enquanto estivermos discutindo os transcendentalistas.

— Concordo completamente.

— Agora, eu pedi esta reunião não porque você está sofrendo na minha aula. Dificilmente. Vocês dois são meus melhores alunos. No entanto, tenho uma teoria sobre o comportamento de Andrew e preciso de mais informações antes de poder testá-lo.

— Por que me sinto como um rato em um laboratório?

Ignorando-me, Philips pergunta: — Você notou alguma mudança na participação do Sr. Hamilton na discussão da aula hoje?

— Ele não parecia um bárbaro, — responde Madison. — Ele não envergonhou ninguém ou fez insinuações inadequadas.

— Concordo. Ao longo dessa linha de observação, qualquer diferença no comportamento do Sr. Wildes? Além do toque?

— Você não disse nada. — Madison me enfrenta. — Nada.

— Como eu poderia quando Hamilton sugou todo o oxigênio da sala com suas conversas constantes?

— Normalmente, você tem observações astutas que intensificam a discussão. Eu não deveria menosprezar um de meus alunos, mas Hamilton raramente acrescenta qualquer coisa substancial à aula. Ele está perto de fracassar e seus trabalhos são atrozmente escritos, imprecisos e insultantes.

— Então, por que a mudança repentina? — Eu pergunto.

— Exatamente por que chamei você aqui hoje. Você já viu um filme chamado *Sexta Feira muito Louca*? Eu acredito que foi refeito no decorrer do tempo.

— Onde duas pessoas trocam de corpos? — Os olhos de Madison se arregalam de horror. — Você está sugerindo que Andrew é realmente Luke no corpo de Andrew?

— Eu ainda sou eu. — Eu me endireito e pego a mão dela, mas ela se afasta de mim. — Hamilton pode citar Shakespeare?

— Você pode? — Pergunta Philips.

— Claro. — Eu empurro meus óculos no nariz e abro a boca para falar. — A...

Nada sai.

Eu tento de novo. — Minhas…

Para mim, recitar os sonetos de Shakespeare é como relembrar um número de telefone, não preciso pensar na próxima linha porque vejo todo o poema em minha mente. Só não hoje. Hoje minha mente está em branco.

— Interessante. — Philips junta os dedos sob o queixo.

Eu cuspo as primeiras palavras que me vêm à mente

— E nada pode ou contentará minha alma

Até que eu dê o justo troco, esposa por esposa,

Ou se falhar, ao menos lançarei o Mouro

Num ciúme tão intenso

Que o juízo não pode curar.

— Uma citação sobre inveja e suspeita de *Otelo*. Não a escolha romântica que eu esperava de você. — Philips franze a testa.

— Foi a primeira coisa que me veio à mente.

— Soa quase como um feitiço. — Madison observa calmamente a nossa troca. — Talvez precisemos conversar com sua mãe.

— Acho que é uma excelente ideia, — concorda Philips. — Sarah sempre traz certa perspectiva para um problema.

Eu relutantemente admito que eles provavelmente estejam certos. — E se ninguém puder ajudar? E se isso é tudo culpa minha?

Hora de trazer a grande bruxa.

Capitulo Seis

Uma série de sinos na maçaneta tilinta quando abro à porta da Spelling B, a loja da minha mãe. Aparentemente destinada à multidão de turistas, esta loja é o centro da comunidade de bruxas de Salem. Entre as lembrancinhas e pacotes de “feitiços” escondem-se as verdadeiras ferramentas desse comércio para o aprendizado e a execução da magia.

Runas, ervas, cartas de tarô e livros antigos cobrem todas as superfícies planas. As partículas de poeira brilham na luz quente da tarde vinda das janelas. Quando eu era um garotinho, vinha para cá depois da escola e fazia meu dever de casa sentado em um banquinho ao lado da mamãe enquanto ela trabalhava.

Dentro dessa minúscula loja, aprendi que podia fazer coisas que a maioria das pessoas acha que não era possível.

Como me concentrar o suficiente para fazer os objetos se moverem. Ou parar de se mover.

Espreitando por cima do balcão alto, espio um coque escuro familiar com dois lápis e um pauzinho vermelho atravessado.

— Escondendo-se? — Eu pergunto.

Mamãe aparece e olha para nós através de seus óculos de leitura por alguns segundos antes de piscar e se levantar, empurrando os óculos em seus cabelos.

— Olá, estranho. — Ela dá a volta no balcão e fica na ponta dos pés para eu dar-lhe um beijo.

— Madison! — Mamãe me empurra para fora do caminho como uma compradora na Black Friday tentando chegar a uma promoção. Ela dá um grande abraço em Madison e, pela expressão nos olhos de Madison, ela está apertando um pouco demais. Às vezes, quando mamãe abraça as pessoas, ela recebe uma leitura delas.

— Mãe, — eu digo para chamar sua atenção. — Aham.

Seus olhos se abrem e se concentram em mim. — Desculpe. Eu tenho vontade de fazer uma leitura sobre Madison desde que ela visitou a loja.

Com um tapinha no ombro de Madison, mamãe a solta. Ambas as mulheres aparentam estar um pouco atordoadas.

Eu puxo Madison para mais perto de mim. — Você poderia simplesmente ter nos perguntado.

Mamãe agita as mãos ao redor de sua cabeça. — Chato e básico.

Eu levanto minha sobrancelha. — Básico?

— É gíria. — Madison ri.

— Eu sei o que isso significa. Minha mãe usando isso é o que me surpreende.

— Eu estou na moda.

— Claro. — Eu puxo um lápis do cabelo dela. — Todas as garotas descoladas usam lápis hoje em dia.

— Se o vinil é bacana, a boa e velha madeira revestida de chumbo deve ser a próxima tendência.

— Depois de muitos casos de envenenamento por chumbo em escolas primárias relacionados com perfuração com lápis, eles removeram o chumbo. Só carbono agora, — explica Madison.

Mamãe franze a testa. — Eu não sabia disso. Que pena.

Com Sarah Wildes, a decepção pode estar na falta de chumbo ou na redução de envenenamentos por chumbo. Muitas vezes é difícil dizer até onde seu senso de humor sombrio se estende. Ela não é fã de crianças pequenas; um fato que eu lembrava quando era pequeno. Ela adorava ler para mim todos os contos de fadas sobre bruxas. Acho que a casa da bruxa em João e Maria incentivou sua paixão por doces.

Para ser claro, não estou dizendo que minha mãe assaria crianças em um forno grande.

No entanto, ela tem uma placa na loja sobre crianças desacompanhadas servindo de alimento para o dragão no porão.

Você ficaria surpreso com quantas pessoas pedem para ver o dragão.

— Algo está errado. — Mamãe estuda meu rosto. — Sua energia está toda espinhosa. Vocês dois. Eu tenho uma visão de Andrew rosnando e mostrando seus dentes como um cão faminto protegendo um osso. Devo fazer um chá calmante enquanto você me conta o que está acontecendo?

Eu sei muito bem que não devo recusar. Tirando minha jaqueta, pulo e me sento no balcão.

Ambas as mulheres olham para mim.

— Estou ficando confortável. Se o chá está sendo feito, isso vai demorar um pouco. — Eu aponto para o banquinho no final do balcão à minha esquerda. — Sente-se.

O gato da mãe pula no banco antes que Madison possa se sentar. Seus olhos amarelos me encaram, desafiando-me a afastá-lo do caminho para a recém-chegada.

— Oh! — Madison se recupera de seu choque. — Quem é você?

— Sr. Mistoffelees[12]. — Eu vou coçar suas orelhas e ele sibila para mim.

— O demônio de Fausto?

— Nada tão sinistro. Minha mãe é uma grande fã do musical *Cats*. — Eu rio da minha mentira.

Mamãe congela com uma colher de ervas na mão. — Andrew gosta de me provocar, mas ele esquece que o musical é baseado na poesia de T.S.Eliot.

— Eu esqueci que você disse que também foi aluna do professor Philips quando estava estudando. Você se graduou em Licenciatura? — Madison pergunta.

— Isso foi há muito tempo atrás.

— Mamãe acabou se formando “em esposa” quando conheceu meu pai. — Eu não quero adoçar a verdade. — Apesar de serem os

[12] Sr. Mistoffelees: o nome 'deriva do demônio Mefistófeles,da peça teatral Fausto . No entanto, o personagem não é sinistro como o nome indica, e ao invés disso é descrito pelo poeta T.S Eliot como sendo "o original do gato prestidigitação", que é "sempre enganado em acreditar que ele é apenas a caçador de ratos".

equivalentes humanos dos polos Norte e Sul, de alguma forma eles se apaixonaram e me conceberam.

— Uma atração de opostos. Não foi uma história de amor para ficar na história, nem terminou bem. Acho que minha herança mágica o intrigou e aterrorizou. Pelo que ele se apaixonou no começo, e odiava no final. — Mamãe pressiona os lábios enquanto despeja ervas em uma tigela. — Falando de grandes romances, me diga o que está acontecendo entre vocês dois.

Dado ao meu recente terrível humor, a menção de amor deveria me enviar a um acesso de raiva, mas isso não acontece. Mamãe levanta a sobrancelha no mesmo gesto que eu dominei. Ela está esperando que eu negue a possibilidade. É muito cedo. Madison e eu não nos conhecemos. O amor instantâneo só existe na ficção. Veja como isso funcionou para Romeu e Julieta.

Enquanto estou absorto, Madison está falando com minha mãe: — Hamilton encontrou o coração e a fita do feitiço de amor que você me deu.

— Oh, aquilo. É inofensivo. — Mamãe liga sua chaleira elétrica. — Mais pensamento positivo do que qualquer magia real entra nesses feitiços. A visualização é um truque poderoso. Se o seu cérebro vê algo, pode ser confundido em acreditar que é real. Eu não estou dizendo para imaginar-se em um carro caro e quando se dá conta, você está dirigindo uma Mercedes. Isso é um monte de besteiras.

— Então por que você vende os feitiços? — Madison pergunta.

— Todo mundo quer acreditar em magia. Claro, eles podem chamar de outra coisa, mas magia e milagres nos dão esperança. Queremos experimentar o bem inexplicável do mundo. Nós queremos ser unicórnios especiais. Por que você acha que há a expressão sobre levar uma vida encantada? A magia é poderosa e, se alguém acha que um pouco de magia pode realizar seus sonhos, quem sou eu para negar isso?

— Mesmo que não funcionem?

— Ilusão, minha querida.

— Ilusão ou não, ele está usando o coração dela em torno de seu pulso como se tivessem um compromisso, — eu acrescento, minha voz plana.

— Ele está? Isso é interessante, — diz a mãe, não revelando nada.

— Interessante como?

— Poderia explicar porque sua aura é da cor do lodo da lagoa. Nem me faça começar a falar sobre o chacra do seu coração.

— Minha mãe é uma bruxa new age, — eu explico para Madison enquanto provoco minha mãe.

— Eu acredito em muitas coisas. Exceto religiões organizadas dirigidas por homens brancos. — Mamãe tira um lápis e rabisca algo em um gráfico da lua que ela mantém em sua mesa de trabalho.

— Madison, quando é seu aniversário?

— Vinte de novembro.

— Por acaso sabe a que horas você nasceu?

Madison franze a testa. — Minha mãe sempre me chama em torno das sete da manhã para me lembrar da minha chegada depois de dezenove horas de trabalho de parto.

— Isso é útil. Veja se você consegue o horário exato. Você nasceu em Boston?

— Não, em Worcester.

Mamãe toma notas com a caligrafia firme. — Me conte mais sobre o mau humor de Andrew. O que você acha que está por trás disso?

— Estou bem aqui. — Até eu posso ouvir o gemido na minha voz.

— Eu vejo você, meu querido. Você não pode desaparecer no papel de parede ao meu redor. No entanto, é melhor se Madison me disser o seu lado dos acontecimentos. — Ela me acaricia carinhosamente no ombro.

Mistoffelees pula no balcão ao meu lado. Se os gatos pudessem franzir a testa, ele estaria franzindo a testa em desgosto. Sentado em suas coxas, ele olha para mim. Silenciosamente me pergunto se era ele no memorial. Eu lhe digo para piscar duas vezes se era ele. Ele pestaneja uma vez e depois pisca. Fico me perguntando se está brincando comigo ou não entende inglês.

Madison acaricia o gato. — Em vez de beijar um dos garotos sapos e transformá-lo em um príncipe, beijei meu príncipe e o transformei em um sapo.

Eu me envaideço com a palavra príncipe antes de me eriçar ao ser comparado a um anfíbio. Sem querer ofender as salamandras. Elas são legais.

— Isso poderia explicar a sombra turva de sua aura. Eu estava certo em chamá-lo de lodo de lagoa.

— Obrigado.

Ignorando-me, mamãe direciona sua pergunta para Madison. — Este foi o primeiro beijo de vocês?

Desagradável mal descreve a sensação de ouvir enquanto minha namorada e mãe falam sobre detalhes do meu relacionamento na minha frente.

— Não. — Madison segura meu olhar e pede "ajuda" com a boca.

— Nós só beijamos, minha doce e intrometida mãe. — Eu quero pôr um fim a qualquer questionamento. Não que haja realmente algo para compartilhar. Já faz duas semanas e eu tenho sido um idiota pela metade do tempo.

— Mas vocês se beijaram a meia noite no Halloween? Depois de lançar um feitiço de amor no Mabon? — Mamãe esclarece.

Madison assente.

Franzindo a testa, minha mãe pega um dos livros com capa de couro empoeirada na prateleira atrás do caixa. — Hmm.

— Você pode nos dar mais do que um murmúrio, mamãe? — Minha exalação frustrada tira o cabelo da minha testa. Eu estou voltando a fazer beicinho como criança.

— Isso é... — Ela para quando abre o livro. Algumas pétalas de flores secas e uma fita azul desbotada saem da lombada quando ela vira as páginas. — Inesperado.

— Você estava prevendo algo? — A voz de Madison soa incerta.

Os olhos claros da mamãe examinam seu rosto. — Não é algo, é alguém. Você.

Eu disse a Madison tanto no Halloween. Minha mãe fez uma leitura para mim no meu décimo sexto aniversário e novamente quando fiz dezoito anos. Em ambas, ela viu uma garota de cabelos escuros, mas a segunda leitura produziu um sobrenome.

Bradbury.

Um nome ligado para sempre à minha família por causa dos julgamentos de bruxas em 1692.

Minha ancestral, Sarah, foi enforcada enquanto Mary Bradbury sobreviveu.

Apenas uma delas era uma bruxa de acordo com a nossa história. Apesar dela protestar inocência, Sarah tinha o dom. Alguns podem chamá-lo de sexto sentido ou reduzi-lo à empatia. Minha mãe carrega não apenas o nome dela, mas as mesmas habilidades.

No entanto, houve rumores e testemunhos de Mary se transformando em várias formas animais. Se Madison carrega esses genes, eu me pergunto que animal familiar ela iria assumir.

Um gato malhado dormindo em uma biblioteca com olhos verdes brilhantes seria meu primeiro palpite. Mistoffelees roça meu

lado como se estivesse de acordo. Tenho quase certeza de que ele é apenas um gato, mas esteve por aí a maior parte da minha vida, o tornando um gato muito velho. Pelo menos dezessete anos, embora ele não pareça velho.

— Quantos anos tem o gato? — Eu pergunto do nada.

Mamãe me dá um olhar de soslaio. — Não faço ideia. Ele apareceu um dia e nunca mais foi embora. Nunca perguntei a ele a sua idade. Como nunca perguntei aonde ele vai à noite quando o deixo sair. O assunto dele é dele.

Madison me encara.

— Mamãe pode fazer leituras em animais e também em humanos.

Mamãe coça o gato entre as orelhas e ele se inclina ao seu toque. — Todos nós temos almas. Isso não deveria ser surpreendente.

— Sapos têm almas? — Madison pergunta.

Mamãe pensa por um minuto. — Eu suponho que tenham. Se você acredita em reencarnação, então eles a têm, mas eles são subdesenvolvidos e não completamente formados.

— Isso explica muito. — Madison aceita essa informação com um aceno. — Eu acho que Luke Hamilton tem a alma de um sapo.

Mamãe folheia algumas páginas em seu livro empoeirado. — O envolvimento de Luke parece complicar as coisas entre vocês dois.

— Você acha que de alguma forma o feitiço de amor funcionou? — Dúvida e aborrecimento enchem minha voz. — Um feitiço falso nas mãos erradas?

— Eu segui as instruções. Eu até usei pimenta. — Madison se defende.

— Não é nada que você tenha feito, querida. — Mamãe abre a porta do armário e estica a mão atrás de uma fileira de garrafas de vidro. — Eu gostaria que o mesmo pudesse ser dito para o meu impaciente filho.

Ela coloca três cristais na bancada de madeira.

— Provavelmente estou exagerando, mas isso nos ajudará a encontrar a verdade.

— Exagerando como? — Pergunto.

— É possível que não seja nada.

— Ou?

— Você pode ter desencadeado um feitiço de amor reverso.

— O que isso significa? — Os olhos de Madison se arregalam. — Como um feitiço de ódio?

— Andrew amaldiçoou a si mesmo.

— Ótimo, — murmuro.

— Você é a bruxa mais poderosa de Salem, Sarah. Você pode reverter isso?

Mamãe arruma os cristais por cor. O claro está à direita, a ametista no meio e o quartzo esfumaçado à esquerda. Se isso não tivesse a ver com o meu futuro, eu faria uma piada sobre o jogo

hippie dos três baralhos. A perspectiva de ser amaldiçoado e possivelmente um anfíbio, entorpece o senso de humor de um homem.

— Escolha um, Madison.

Madison escolhe a ametista.

— O protetor. Uma escolha sábia. — Mamãe pega os outros cristais e os devolve aos seus armários. — Mantenha-o com você. Espero que isso signifique que você estará imune a qualquer magia usada em Andrew.

— Philips acha que Hamilton e eu trocamos de corpo.

— Oh, não é tão ruim assim.

— É mesmo possível?

— Claro que ele pensaria isso. Dado... — Ela se detém e ajeita uma pilha de papéis. — Seu padrinho sempre teve uma imaginação criativa.

— Professor Philips é seu padrinho? — Madison pergunta.

— Ele é. O que mamãe estava tentando não dizer é que ele é um bruxo.

— Andrew. — A voz de mamãe detém um aviso.

— Eu não quero segredos com Madison. Ela é uma Bradbury. Ela precisa saber a verdade.

— Mas ela ainda tem vinte anos. Sua impaciência provavelmente foi o que criou essa bagunça. Não torne isso pior dizendo a ela mais do que pode lidar de uma vez só.

— Espere, Philips é um bruxo também? É por isso que você disse que ele nunca envelhece?

Mamãe aperta os lábios. — Você não deveria saber nada disso.

— Ela é confiável.

— Não é uma questão de confiança. Com conhecimento vem o poder. Ela não está pronta.

— Eu não vou contar a ninguém. Não contei a Sam sobre Andrew na fogueira. Ou a chuva.

Minha mãe me dá um olhar fulminante.

Eu dou de ombros em resposta. — Se Madison está destinada a ser minha, não vejo qual é o problema.

Com um suspiro, mamãe fecha seu livro. — O destino pode ser alterado. Você sabe como a magia é limitada pela crença. Nas mãos erradas, na hora errada, com as intenções erradas, a magia negra pode se formar.

Madison nos dá um sorriso fraco. — Oh, você não precisa se preocupar comigo. Eu definitivamente tenho zero habilidade mágica. Nenhuma habilidade ou talento especial. Exceto por nunca me perder.

— Nunca? — Mamãe pergunta.

— Às vezes eu fico confusa quando está chovendo ou nevando, mas de qualquer forma eu sempre pareço saber qual é o lado norte.

Mamãe escreve alguma coisa no prontuário de Madison. — Interessante.

— Você continua dizendo isso. — Meu mau humor retorna.

— Você já ouviu falar de percepção magnética? — Mamãe pergunta a Madison.

— Como Magneto em X-Men? — Eu amo que sua mente vai para histórias em quadrinhos e super-heróis.

— Infelizmente, não. — Eu balanço minha cabeça. — É uma habilidade sensorial para perceber direção. Como um pombo-correio.

— Você está me chamando de cérebro de pássaro? — Madison grita.

— Não, claro que não. Mas talvez a capacidade do seu antepassado de mudar de forma tenha deixado uma marca em você.

Madison empalidece. — Eu pensei que tudo isso eram mentiras e rumores. Histeria em massa iniciada pelo grupo original de garotas malvadas.

— Dentro de cada lenda tem uma semente da verdade.

Madison apoia o rosto nas mãos. — Em algum momento eu vou me transformar em um pássaro, ou gato, ou tatu? Com a lua cheia ou algo assim?

— Oh, minha querida, não estou dizendo que você pode mudar sua forma, mas talvez você tenha alguns instintos animais latentes que poderiam ser benéficos. — Mamãe acaricia o antebraço de Madison. — Não fique tão petrificada. Essas são boas habilidades para se ter.

Não tenho certeza se Madison concorda.

— Eu gostaria que você passasse pela loja algumas vezes sem Andrew. Podemos trabalhar para descobrir quais habilidades você

está escondendo. — Mamãe acrescenta sua mistura de ervas aos coadores de chá que repousam sobre duas canecas. Ela derrama a água fervente da chaleira por cima e o cheiro de endro enche o espaço.

— Eu não vou beber chá que cheira a picles. — Eu mostro minha língua e engasgo. Não suporto quando um picles está em qualquer lugar perto da minha comida. O gosto do picles contamina tudo.

— Você vai. Na verdade, não tenho certeza se uma xícara sequer afetará você. Você provavelmente deveria beber diariamente até conseguirmos resolver isso.

— Endro? — Madison cheira sua caneca.

— Isso pode quebrar o feitiço de uma bruxa. Estou testando uma teoria. — Mamãe empurra a outra caneca em minhas mãos. — Beba.

— Isso tem gosto de suco de picles. Aguado, sem graça, restos de água de picles. — Eu franzo a testa antes de tomar um gole.

— Além do endro, há tomilho para coragem, manjerona e alecrim para o amor e uma pitada de cominho, para impedir que qualquer um de vocês parta.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Eu quero cuspir o chá, mas sei que não devo fazer na frente da minha mãe. Obedientemente, eu bebo da minha caneca.

Mamãe me dá um sorriso simpático. — Não é com você que estou preocupada. A pobre Madison é a única que tem que lidar com

a sua encantadora mudança de personalidade. Você poderia culpá-la por querer um pouco de distância?

— Eu não quero. Não vou, — Madison protesta, me dando um olhar triste e reconfortante.

Eu pulo do balcão para ficar de pé, envolvendo meus braços em volta dela por trás.

Descansando meu queixo em seu ombro, eu olho para minha mãe. Eu sei que nossa situação não é obra dela e ela está tentando descobrir uma solução, mas meu mau humor retorna.

— Nós devemos ir. Já tomei chá suficiente por um dia.

— Deixe-me saber se alguma coisa mudar. — Mamãe rabisca mais algumas anotações em seu livro. — Você deve adicionar endro a toda a sua água. Não tenho certeza com o que estamos lidando. Ou quem. Eu vou levar isso para o coven. Vocês podem querer desacelerar as coisas entre vocês dois. Tentem um tempo separados. Veja se isso diminui o seu mau humor e os outros efeitos da maldição.

A parte da maldição é óbvia, mas luto para admitir que ela possa estar certa em passar menos tempo com Madison. Por mais que eu não queira ficar longe dela, não quero afastá-la por ser um idiota fora de controle.

Este é um feitiço de amor que deu errado ou há algo mais agindo?

Capitulo Sete

Uma semana depois, Sam, a melhor amiga de Madison, está parada na minha porta.

Nem meu humor nem meu relacionamento com Madison melhoraram desde que me encontrei com minha mãe. Depois de empurrar um cara com o ombro porque ele perguntou a Madison se ela estava na fila para tomar café, intencionalmente fazendo com que ele derramasse o líquido quente por todo o seu peito, finalmente admiti a derrota. Eu sempre vivi pelo lema do coven de 'não fazer mal' e agora estou queimando um homem inocente com líquido escaldante. Me tornei medieval.

Eu sou uma ameaça. A menos que queira perder Madison, preciso me recompor. Não importa o quanto me concentre em controlar meus sentimentos, acabo criando uma cena. No começo, acreditava que ela gostava da minha paixão e incapacidade de estar perto sem apalpá-la. Mas ser um espetáculo e o assunto das fofocas do campus não é o que qualquer um de nós quer. Ambos estamos miseráveis e acabamos brigando ou nos sentindo estranhos um com o outro. Não era exatamente o começo que esperei ter com ela depois de todos esses anos.

— Posso falar com você sobre a festa de aniversário de Madison? — Sam pergunta sobre o death metal furioso explodindo através do meu alto-falante bluetooth.

Resistindo a um *você pode* sarcástico, eu fecho meu laptop, baixo a música e gesticulo para ela entrar. Aparentemente meu ciúme por qualquer um próximo a Madison agora se estende a suas amigas. — Claro.

Ela entra no quarto e se empoleira na beira da minha cama. Eu deveria oferecer a ela minha cadeira de escrivaninha, mas atualmente estou sentado nela e não sinto vontade de me levantar.

— Eu sei que as coisas não têm sido exatamente fáceis entre vocês dois ultimamente.

Eu concordo. — Um eufemismo.

— Tenho certeza de que tudo será resolvido muito em breve. Quero dizer, tenho fé em sua mãe e Madison.

— Mas não em mim?

— Você é o amaldiçoado.

— Madison te disse isso? — O que eu estou pensando é muito mais rude e soa mais como vá se foder. Minha raiva começa a ferver.

— Ela não disse essas palavras, mas algo está acontecendo com você. Dado que sua mãe é dona da loja de magia, cheguei à minha própria conclusão. — Seus olhos se movem nervosamente em minha direção.

— Isto é temporário.

— Como você pode ter certeza?

Ela está certa. Eu não posso. Nunca assumi que qualquer mudança de personalidade que me dominou fosse permanente. Sem esperar pela minha resposta, ela continua.

— Se isso ajuda, sinto muito mesmo. Eu sei o quanto Madison gosta de você e é claro que você gosta dela. Talvez alguém queira manter vocês separados.

— Eu vejo que você acredita na mesma teoria que a minha mãe.

— Eu usei o mesmo feitiço de amor no Tate. Eles claramente não funcionam.

Resisto a dizer que a queda é mútua. Eu sou a última pessoa que deve se intrometer nos sentimentos dos outros. — Algumas pessoas acham que mudamos de personalidade. Ou nossas personalidades mudaram de corpo. Algo parecido.

— Como em *17 outra vez*[13]*?

— Algo assim. — Eu esfrego a mão sobre o meu queixo. Eu não me incomodei em me barbear a semana inteira. Qual é o sentido se tudo o que faço é correr, ir para a aula e me trancar no meu dormitório como se fosse uma torre? — O que posso fazer por você?

— Estou planejando uma festa surpresa para Madison no sábado e acho que você deveria estar lá.

— Ela me quer lá? — Pavor se acumula no centro do meu peito.

— Claro que ela quer. — Ela me dá um olhar 'não seja louco'.

— Ela te disse especificamente? — Eu inalo profundamente e exalo lentamente.

[13] '17 outra vez' é um filme onde o pai de 37 anos fica com 17 anos de novo.

Um pequeno espaço de silêncio cresce entre nós e ela não faz contato visual.

— Ela não mencionou você para mim a semana toda. Tenho certeza que ela ficará triste se você não estiver lá.

Algo em sua declaração desperta minha curiosidade. — Vocês normalmente falam sobre mim?

Sam estuda suas unhas. — Olha, eu não quero fofocar sobre a minha melhor amiga.

— Compreensível. — Eu não vou forçá-la a trair a confiança de Madison.

— Mas eu vou dizer que até você começar a agir como um esquisito, ela falava sobre você o tempo todo. Honestamente, era muito enjoativo, tipo como um donut super doce.

Apenas concordo, embora não tenha ideia do que ela quer dizer. Estou bastante feliz por ouvir que Madison fala sobre mim constantemente para não me incomodar em descobrir a analogia do donut. Às vezes me preocupo que meus sentimentos não sejam correspondidos.

— Uma ocasião feliz poderia ser uma coisa boa para vocês dois. Todo mundo adora uma festa de aniversário. É provavelmente o bolo. Tate gosta de bolo?

— Tanto quanto eu sei, ele não é contra bolos. Vou convidá-lo. — Salvei-lhe o constrangimento de ter que pedir.

— Vou precisar que você convide Madison para um encontro para levá-la à festa. Você acha que pode lidar com isso? — A preocupação em seus olhos diminui minha confiança.

— Eu vou ser tão encantador que ela não será capaz de resistir.

— Você vai usar magia? — O rosto de Sam revela sua excitação. Seus olhos praticamente saltam pra fora e ela está sorrindo.

Não sei o quanto ela sabe sobre as velhas bruxas de Salem e nossa magia. Eu alegro meu tom e sorrio para ela saber que posso estar brincando. — Nenhuma magia é necessária. Eu posso ser charmoso e legal sem invocar feitiços antigos.

— Existe um feitiço que você pode usar como apoio?

Permanecendo em silêncio, olho para ela em resposta.

— Certo. Claro. Tenho certeza que tudo vai ficar bem. — Ela sorri confiantemente para mim. Eu posso ver porque Tate gosta dela. Mesmo quando confrontada com a negatividade e a impossibilidade, ela de alguma forma consegue criar seu próprio sol. — Eu vou ver você e Tate no sábado.

Com um aceno animado, ela sai.

Eu faço uma careta para o cartaz da Tardis de Doctor Who na parte de trás da porta. *O que o médico faria?*

* * *

Seguindo o conselho da minha mãe após o incidente com o café, Madison e eu passamos a maioria das noites conversando ao telefone. Método antigo, mas é a única maneira de termos uma

conversa sem eu rosnar para qualquer pessoa que se aproxime dela ou a segurar como um macaco com um gatinho de estimação. Infelizmente, isso é provavelmente o melhor que podemos fazer até que a maldição seja quebrada. Ou ela termine comigo. Estou começando a pensar que o último é iminente. Estamos namorando a longa distância em um pequeno campus universitário.

Eu até mudei de lugar na aula de Philips depois do nosso encontro com ele. Hamilton assumiu alegremente que a cadeira vazia ao lado dela significava que ele deveria ocupá-la. No começo da semana ele emprestou uma caneta para ela, meu antigo movimento. Tenho certeza que há marcas das minhas unhas na velha mesa de madeira, cavadas na parte de baixo, enquanto tentava resistir socá-lo sempre que ele abria a boca ou olhava para ela.

A conversa desta noite passou das novidades diárias para nossas famílias. Se ela não está com medo do meu mau humor e comportamento, não há nada a perder, dizendo-lhe a verdade sobre a minha família.

— Mudei meu nome para o nome de solteira de minha mãe quando fiz dezoito anos e voltei para Salem. Meu pai não podia mais me controlar e eu sempre me senti mais como um Wildes do que um Bradford.

— Como os Bradfords do Mayflower[14]*? — Ela pergunta.

— Os mesmos. Meu pai pode recitar cada geração e conexão de memória. Ele é obcecado com história e tradição.

[14] Mayflower é um navio em que imigrantes europeus chegaram na América.

— Você é das antigas da Nova Inglaterra.

Eu sorrio para comigo. — O mais antigo.

— Minha avó vai gostar tanto da sua linhagem. Ela ama as famílias antigas. — Ela ri.

— Espero conhecê-la algum dia.

— Cuidado com o que você deseja. Ela lhe fará um milhão de perguntas.

— Tenho parentes que também lutaram em Concord e Lexington[15].

— Cuidado. Ela vai subornar você com caramelos e fazer você se sentar ao lado dela no sofá.

— Eu deveria estar preocupado que ela vai tentar me roubar de você?

— Eu sou mais jovem e mais rápida.

— Como ela se sentiria sobre mim se soubesse que eu sou um bruxo?

Ela faz uma pausa e eu juro que posso ouvi-la batendo os dedos em sua mesa. Quando ela fala de novo, sua voz está cheia de preocupação. — Não tenho certeza. Ao contrário de você, minha família nunca fala sobre magia ou sobre nosso infame antepassado.

Compreensível. Essas conversas podem esperar quando ou se Madison descobrir suas próprias habilidades. Se. Não há garantia de que depois que ela completar vinte e um anos sua magia se revelará. Assumindo que ela herdou habilidades de seu ancestral. É

[15] As Batalhas de Lexington e Concord foram os primeiros confrontos da Guerra da Independência dos Estados Unidos da América.

possível que não haja nada de mágico nela. Embora minha mãe nunca esteja errada sobre suas visões.

Madison continua falando: — Você e Tate são um par de verdadeiros sangues azuis.

— Não azul o suficiente para meu pai. Apesar da família da mamãe remontar ao século XVII, ela não tem a linhagem certa. Uma bruxa enforcada é uma marca negra na árvore genealógica. — Eu engulo antes de continuar. — Quando as coisas correram mal com a minha mãe, ele a acusou de usar feitiços nele para fazê-lo se apaixonar por ela.

— Isso é impossível. Eu pensei que você não poderia manipular as emoções de acordo com o código sagrado?

— Aparentemente, algo pode. Ou alguém que não se importa com as leis do coven os quebrem, — resmungo. Não conto a ela sobre minhas preocupações com a magia negra. Se eu não falar as palavras em voz alta, a ideia terá menos poder sobre mim. Meu maior medo é perdê-la por causa de algo fora do meu controle.

— Eu sei que você acha que Hamilton tem algum tipo de poder secreto, mas acredite em mim, ele não tem. Sua mãe fez o coven investigar sua família. Nem uma única bruxa entre eles há cinco gerações.

— Então me explique de novo por que ele se transformou no Sr. Encantador enquanto estou preso falando com você no telefone? — Em aborrecimento, eu atiro minha caneta através do quarto. — Como vão as suas sessões com a Bruxa Wildes?

— Bebemos muito chá enquanto ela me faz perguntas, me faz segurar cristais e olha para as coisas.

— Algum progresso?

— Eu olhei para o gato e silenciosamente lhe pedi para descer do meu caderno. Ele se mudou cerca de dois minutos depois.

— Ele é teimoso.

— Havia uma mosca na janela que ele começou a perseguir. Se ele me ouviu, me ignorou. Não vou exatamente incendiar o mundo com minhas habilidades mágicas loucas. — Ela bufa suavemente. — Alguma coisa aparecendo em sua pesquisa?

Eu exalo. — Nada. Estou bebendo galões de água de endro e cheirando a picles.

— Isso é temporário. Não é? — A dúvida se insinua em sua voz.

— Eu espero que sim. — Eu não posso tranquilizá-la porque não sei. Não vou mentir para ela, nem tenho certeza se posso mentir para ela. — Eu sinto sua falta. Nós mal começamos e agora estamos separados.

— Também sinto sua falta.

— Deixe-me levá-la para sair no seu aniversário. Prometo estar no meu melhor comportamento.

Ela hesita antes de responder. A pausa me mata.

— Ok, mas nada de rondas em bares ou qualquer coisa selvagem.

Ela não precisa dizer isso, mas nós dois sabemos que levá-la a um bar cheio de bêbados flertando com ela só terminaria em desordem.

— É seu vigésimo primeiro aniversário. Não é esperado loucura? Se você quer passar com as meninas, eu entendo completamente.

Eu mal a ouço suspirar pelo meu telefone.

— Sam disse que tem planos e nós vamos para Boston outra hora. Estou bem com algo calmo enquanto estiver com você.

Claro que Sam mentiria para ela. Acho que as festas surpresas são mais divertidas para as pessoas que as planejam.

— Enquanto estivermos juntos, ficaremos bem. — Eu digo as palavras suavemente tanto para me tranquilizar quanto a ela.

Capitulo Oito

— Feliz vigésimo primeiro aniversário! — Eu estendo o buquê de flores como uma oferta de paz. As flores violetas escuras, quase negras, centram-se no pequeno aglomerado que eu mesmo escolhi. Rosas não pareciam certas, muito clichê para uma garota como Madison.

— Você não precisava me trazer flores. Elas são adoráveis. — Madison não se move para se levantar do ninho de livros em sua cama. O olhar que ela me dá é cauteloso, cautelosamente pessimista com um lampejo de esperança.

— Estou aqui para o nosso encontro. — Como previsto, estou parado no limiar da porta de Madison e Sam no dia 20 de novembro. Eu não fui convidado para entrar no quarto, então estou parado, defendendo meu caso.

— Você chegou cedo.

— Tenho saudades de você. Eu poderia ter circulado o dormitório algumas vezes para ganhar tempo.

Ela se estica e mais uma vez eu me lembro de um gato doméstico. Além de vagas respostas para minha meia dúzia de perguntas, nem minha mãe nem Madison vão me contar sobre suas reuniões. Madison jura que não está voando ao redor de Salem como um pássaro ou escalando paredes de pedra à noite. Tanto quanto sei, o coven nunca teve um metamorfo em nossas fileiras desde o século XVIII. Estamos atrasados.

Madison se levanta e eu me afasto do batente da porta para atravessar o pequeno espaço para abraçá-la. Senti falta do cheiro de baunilha e do jeito que meu corpo envolve o dela. Transformando o abraço em um beijo, roço meus lábios sobre os dela antes de enfiar minha língua dentro de sua boca.

Que se lixe a festa. Não ficamos sozinhos há semanas.

Eu a levo para trás até as pernas dela baterem contra a cama. Dobrando meu joelho direito, eu o apoio no colchão enquanto a abaixo lentamente em cima de seus livros. Com a mão livre, empurro seu laptop para fora do caminho antes de me instalar em cima dela.

Horizontal é a minha nova posição favorita.

Ela me beija de volta e enrola a mão pelo meu cabelo, deixando a outra mão descer pelas minhas costas. Eu amaldiçoo não retirar minha jaqueta antes de beijá-la. A sala começa a superaquecer. Ou talvez seja eu.

Movendo seu corpo, ela envolve suas pernas ao redor das minhas coxas. Gemidos suaves e murmúrios escapam de sua garganta enquanto continuamos a nos beijar, deixando nossas línguas soletrarem o que as palavras não conseguem.

Talvez a chave para sobreviver a essa maldição ou feitiço é não falar e não estar perto dos outros. Precisamos de uma cabana na floresta. Em algum lugar remoto como Maine ou Vermont.

Um telefone vibra e ressoa com uma mensagem de texto. O som irritante estoura nossa bolha.

Madison afasta sua boca da minha. Eu gemo e tento recapturar seus lábios.

— Eu acho que é o seu telefone. — Sua voz soa sem fôlego.

— Ninguém nunca me envia mensagens.

— Nunca? — ela pergunta quando outro texto chega.

Ainda resmungando, eu alcanço dentro do meu casaco, pensando em jogar a coisa pela janela. O nome de Sam ilumina a tela.

Estamos prontos. Atualize sua previsão de chegada.

Certo, a festa.

Eu descanso minha testa contra a dela. — Esqueci que temos reservas. Nós provavelmente deveríamos ir.

Relutantemente, me sento e descanso minhas costas contra a parede. Madison é uma bela bagunça dos meus lábios e mãos. Sua boca está vermelha e inchada e seu cabelo é um ninho emaranhado.

— Eu provavelmente deveria arrumar isso. — Ela tenta passar os dedos pelos cabelos.

— Você está perfeita.

— Eu pareço violada.

— Como eu disse, perfeita.

Com uma risada suave, ela beija minha bochecha antes de se levantar. — Eu já volto.

Sentado em sua cama esperando por ela, sinto minha determinação ficar mais forte. Eu não estou deixando uma maldição de meia tigela ou um feitiço quebrado arruinar as coisas entre Madison e eu.

Enquanto esperamos que minha mãe apresente nosso caso ao coven, não há motivo para não podermos sair juntos.

Exceto que toda vez que estamos juntos, eu me transformo em um Neandertal macho e babaca.

Eu nem sequer mereço uma caverna para chamar de minha. Honestamente, provavelmente seria banido para morar sozinho e me arriscar com os mastodontes. Um pária mesmo da sociedade das cavernas. Como Madison continua me aguentando, eu não sei.

Ainda esperando ela voltar do banheiro, eu empilho os livros em sua cama. Percebo que são todos sobre puritanos que se estabeleceram em Massachusetts, incluindo o livro de Cotton Mather sobre os julgamentos de bruxas. Nada como uma leitura leve numa noite de sábado.

Madison volta e eu quero jogá-la na cama para mais uma rodada. Estou a cerca de trinta segundos de bater no meu peito como um gorila e arrastá-la para longe como King Kong. Tenho certeza de que algumas mulheres gostam da coisa de bater no peito, do ato grunhido de 'mim-homem', mas esse não é meu estilo. Pior, aparentemente, irrita Madison. Isso é praticamente o oposto do que eu quero fazer.

Eu preciso acalmar meu alfa interior e levá-la para a festa surpresa que Sam está dando essa noite. Não tenho certeza se Madison gosta mesmo de surpresas. Ela definitivamente não parece gostar da reviravolta surpresa da minha mudança de personalidade.

Não posso culpá-la.

— Vamos? — Finjo um sorriso cortês, estendendo meu braço para sua mão.

Com um beijo final no topo de sua cabeça, eu a acompanho até seu vigésimo primeiro aniversário.

Muito ocupado fazendo beicinho sobre o meu destino, eu esqueci completamente o poder da data para dela.

* * *

Meu único trabalho hoje é levar Madison até o Livro Negro, onde Sam organizou para que todos estivessem esperando. Bastante fácil. Martha fez um bolo 'Morte por Chocolate' e se ofereceu para sediar a festa. Sam convidou a todos que ela poderia pensar que Madison poderia chamar de amigo.

Eu sei com certeza que Hamilton não foi convidado.

Do lado de fora da casa de tábuas pintadas de preto, nós paramos.

Madison questiona meu local de jantar com uma sobrancelha levantada. — Desde quando Martha abre para o jantar?

— Eu fiz um pedido especial. — Eu a beijo uma vez, duas vezes novamente antes de descansar a mão na maçaneta da porta.

Quando abro a porta, o som dos sinos alerta o resto da festa. Gritos de "Surpresa!" rapidamente seguem.

Pânico e, em seguida, felicidade atravessam o rosto de Madison. — O que você fez?

— É tudo obra de Sam, se você está procurando alguém para culpar.

— Eu vou matá-la. — Sorrindo, Madison entra.

Imagine minha surpresa quando as luzes acendem dentro do interior escuro do café e Hamilton está espreitando na parte de trás da multidão como um urso indesejado em um piquenique.

Não apenas meus instintos de homem das cavernas entram em ação, mas uma nova sensação de insegurança ameaça me dominar.

— Por que ele está aqui? — Ela o convidou? Ela riu de seu trocadilho estúpido na aula esta semana. Quando intensifico o aperto em torno de sua mão, ela flexiona os dedos entre os meus. Não tenho certeza se o gesto pretende confortar ou me avisar.

— Eu não tenho ideia. — Seu sorriso permanece estampado em seu rosto enquanto ela sussurra ao lado de minha orelha.

Sam abre caminho pela multidão. — Feliz Aniversário!

— O que é tudo isso? — O aperto de Madison na minha mão não diminuiu. Eu deslizo meus dedos dos dela e descanse minha mão na parte inferior das suas costas.

— É sua festa de aniversário, boba. — Sam aponta para a faixa de triângulos soletrando Madison acima do bolo de aniversário que também ostenta seu nome.

— Não deveríamos estar em um bar bebendo doses com nomes de atos sexuais estranhos? — Madison parece aliviada por não estar no dito bar.

— Eu imaginei que você iria querer algo um pouco mais elegante. — Os olhos preocupados de Sam encontram os meus. — Nós temos champanhe.

— Madison? — Eu deixei minha mão subir pelas suas costas e apertar seu ombro.

— É maravilhoso. — Seus olhos brilham com lágrimas. Ah não. Não sei como lidar com essas lágrimas sem saber se são felizes ou tristes.

Tate passa por Sam para abraçar Madison. — Feliz aniversário, M.

Sua presença calmante é bem vinda. O nó que se forma entre o meu pescoço e os ombros diminui.

— Andrew, como está indo? — Tate pergunta, mas seus olhos se concentram em um ponto atrás de mim.

Eu não preciso me virar para dizer que Hamilton está sugando todo o oxigênio do canto. — Bem. Legal.

Ele bate no meu ombro. — Fico feliz em ouvir isso.

Se ele está tentando absorver meu mau humor, está novamente falhando. Ainda sorrio para ele e puxo Madison para mais perto.

Infelizmente, como a estrela desta festa, todos querem desejar-lhe feliz aniversário. Ficamos perto do bolo enquanto um fluxo interminável de amigos repete as mesmas duas palavras. A maioria a abraça. Alguns me olham de esguelha, enquanto outros, principalmente mulheres, cobiçam minha mão em seu

ombro. Algumas embriagadas até dizem a ela como estou gostoso. Bem alto. A mais de meio metro longe de mim.

O esquema de invisibilidade ainda parece funcionar se o álcool estiver envolvido.

Estou pensando que poderemos sobreviver à noite, quando uma risada rouca precede Madison sendo levantada do chão ao meu lado.

Num piscar de olhos, toda a noite vai para a merda.

— Coloque-a no chão, — eu berro e empurro Hamilton, o que não é a jogada mais inteligente. Ele ainda está segurando-a e ambos tropeçam para o lado. Madison pousa em pé, mas se inclina para a mesa do bolo, desequilibrando ambos por um segundo.

— Escute, Príncipe das Trevas... — Hamilton não termina o resto da frase porque eu o empurro de novo.

Péssima ideia.

Seu punho voa em direção ao meu rosto e eu não tenho tempo de me abaixar. Tarde demais eu recuo. Eu sinto o impacto no meu rosto enquanto tento agarrar seu braço com a mão esquerda.

Minha mão direita cai em algo macio e mole. Levantando a palma da minha mão para o meu rosto, vejo-a coberta de cobertura de chocolate. Uma cratera do tamanho de um punho permanece no centro do bolo que acabei de destruir. Hamilton bufa e resmunga na minha frente, esfregando o punho onde os nós dos dedos estão vermelhos do impacto com a minha mandíbula. Eu posso ter

começado a luta, mas ele terminou. Meu queixo lateja enquanto sinto uma dúzia de olhos me encarando.

— Por favor, pare, — Madison implora, puxando meu braço. — Todo mundo está olhando.

Deixe-os.

Eu levanto minhas duas mãos. — Parei. Eu sinto muito.

Algumas lágrimas escorrem de seus olhos e deslizam por suas bochechas, deixando listras pretas fracas em sua pele. Eu me movo para afastá-las com meus polegares, mas ela balança a cabeça, me impedindo.

— Eu arruinei sua festa. Sinto muito. — Minha raiva se dissipa. Não me importando com a cobertura, eu desanimadamente enfio meus punhos nos bolsos da jaqueta. Meus dedos roçam uma pequena caixa no bolso esquerdo. O presente de Madison. Eu sei que não devo dar a ela agora e tê-lo sempre ligado ao meu mau comportamento. — Eu vou embora.

Ninguém me impede quando passo pela multidão em direção à porta. Com a cabeça baixa, me forço a não olhar para trás. O ar frio da noite bate contra o hematoma que se forma no meu queixo. Cutuco a pele macia para me lembrar do quão baixo afundei.

A luz derrama na calçada quando a porta se abre atrás de mim. — Andrew!

* * *

— Andrew. Por favor, pare, — Madison grita atrás de mim.

Sou incapaz de ignorá-la, mas sei que o que eu disser a seguir vai nos arruinar. Eu deixei minha cabeça cair para frente, evitando os olhos dela.

Olhando para suas botas e meias pretas, faço a última coisa que imaginei. — Eu sinto muito. Não posso mais fazer isso. Você merece alguém melhor que eu. Alguém normal e que pode te tratar bem.

Ignorando minhas palavras, ela se aproxima e roça os dedos contra os meus. — Shh, você não quer dizer isso.

Eu aceno. — Eu quero dizer isso. Cada palavra. Você não merece estar com um cara que estraga seu aniversário por causa de algum ciúme descabido. Ninguém deve tolerar um comportamento como o meu.

Sua voz vacila e se parte. — Não é você. Eu sei que não é você. É Mercúrio em algum movimento retrógrado esquisito, e Saturno alinhado a algum absurdo sem sentido.

— Como você pode não acreditar em maldições depois das últimas semanas? — Estou chocado que ela ainda duvide.

— Não tenho certeza no que acreditar. Truques e ilusões, talvez, mas nada disso faz sentido. Padrinhos que não envelhecem, mudanças em formas animais e habilidades mágicas não existem no mundo real em que vivi a vida toda. Por que eu deveria acreditar em algo disso?

Incrédulo, levanto os olhos para estudar o rosto dela. Emoções batalham em seus profundos olhos castanhos. Ela está lutando para

ignorar as provas diante de nós. Crença e lógica estão em guerra em sua mente.

Ela finalmente fala. — Concordo que não posso lhe dar uma explicação lógica, mas deve haver uma razão simples para a sua mudança de personalidade. Você pode estar tendo problemas com muita testosterona. Alergia alimentar? Ou alguém está te envenenando? Minha ancestral Mary Bradbury não poderia mudar sua forma mais do que Mistoffelees pode ficar de pé em suas pernas traseiras e fazer uma dancinha.

— Claramente você nunca viu *Cats,* o musical. — Minha ridícula tentativa de humor falha e cai aos meus pés, junto com qualquer esperança que tenho de fazer as coisas direito com ela. Pelo menos agora. — Você soa como os estudiosos que culpam o centeio ou as alucinações pela histeria das bruxas. Talvez eu tenha me enfeitiçado para me tornar um idiota quando estamos em público? Eu odeio como ajo em torno de você, mas não consigo parar isso. Até que eu possa me controlar ou quebrar a maldição, devo ficar longe. Por nós dois.

— Isso é temporário, certo? — Ela puxa minha mão, silenciosamente me implorando para lutar por nós.

Eu não falo porque não posso mentir para ela.

— Você está terminando comigo? — Seu lábio inferior treme e ela morde sua boca para esconder o fato.

— É a última coisa que eu quero fazer. — Dor se agarra ao meu peito. Não vou adicionar minhas lágrimas às dela.

— Isso não é um não.

Pego as duas mãos dela nas minhas. — Você não deveria querer estar com um cara como eu. Você sabe disso. Inferno, você deu uma joelhada em Hamilton nas bolas por menos. Não dê desculpas para o meu comportamento porque sou eu. Eu sou apenas um cara.

— Não podemos nos separar. Nós mal começamos a namorar. Nós gostamos um do outro. Como pode ser isso? — Sua voz cai para um sussurro. Lágrimas brilham em seus olhos escuros.

— Só é. — Eu me esforço para não adicionar "por enquanto" no final da minha frase. Isso não é quem eu sou. Eu não sou um briguento, ou irracionalmente ciumento de todos os outros homens em um raio de oito quilômetros. Eu vou descobrir uma maneira de mudar. Preciso resolver isso antes de causar mais danos ou nos arruinar para sempre. O pensamento de machucá-la fisicamente me deixa doente. Tenho que protegê-la. De mim mesmo.

Eu beijo o canto de sua boca e retiro meus dedos de onde eles estão entrelaçados com os dela.

Desta vez não olho para trás nem paro quando a ouço chamar meu nome de novo.

Capitulo Nove

Depois do meu último episódio no aniversário dela, eu evitei Madison completamente por três semanas.

Foi uma das piores noites da minha vida e fiquei longe depois de ver a triste resignação em seus olhos.

Dr. Philips tem me permitido faltar às aulas desde que eu entregue meus trabalhos e mantenha um diário dos meus pensamentos e sentimentos. Ele acha que é algum tipo de psicólogo, bem como meu padrinho e professor.

Mamãe e Madison continuam a se encontrar, mas de alguma forma eu resisto ao desejo diário de fazer qualquer pergunta sobre seu progresso. Mamãe me dá atualizações enigmáticas. Ontem ela me contou sobre a diminuição de luz do chacra do coração de Madison. Na linguagem da nova era, acho que isso significa que Madison sente tanto a minha falta quanto eu sinto dela. Eu toco o cristal afiado e facetado no meu bolso. Conhecido por suas propriedades de limpeza, mamãe disse que Madison pegou o pequeno quartzo esfumaçado durante uma de suas aulas. O gesto me dá um vislumbre de esperança e eu carrego-o comigo em todos os lugares.

Apesar de todas as evidências ao longo das seis semanas desde o Halloween, eu não sou um idiota-imbecil-troglodita. Nem mesmo perto.

Bater no peito, mal conter o desejo de jogá-la sobre o meu ombro, e começar brigas porque estou transbordando de testosterona como um brutamonte, não sou eu. Eu levei isso longe demais e entrei na minha primeira briga.

Não eu.

A versão amaldiçoada de mim.

Por favor, que seja a maldição, e não alguma falha de personalidade latente que só sai quando eu realmente gosto de uma garota. Quão fraco seria isso?

Meus passos suavemente estalam pequenos galhos e folhas mortas enquanto caminho mais para dentro da floresta. Uma neve leve se infiltra pelos galhos nus das árvores alinhadas no caminho e polvilham o chão de branco, suavizando as vozes à minha frente.

O solstício de inverno ainda está a uma semana, mas estou confiante de que posso quebrar a maldição e deixar de ser a versão humana de um sapo venenoso. Passei semanas estudando os textos antigos e trabalhando com minha mãe, tentando descobrir o 'como e o porquê' do meu comportamento.

Se a escuridão invocou esse feitiço, usaremos magia antiga para combatê-lo.

Meu plano simples envolve uma pequena reunião do coven, um par de óculos, fogo, a primeira neve da noite, uma lua cheia e Madison.

Convencê-la a ir para a floresta comigo à meia-noite porque há lua cheia foi a parte mais complicada dessa ideia. Felizmente minha

mãe ainda acredita em amor verdadeiro e se recusa a desistir de nós. Ela ouviu meu plano e prometeu que Madison estaria aqui.

Quando me aproximo da clareira, a luz de velas e telefones celulares quebra a escuridão. As pessoas se agrupam em pequenos grupos, falando suavemente. Ninguém está usando vestes negras, mas vejo alguns moletons escuros e jeans. Desapontamento mexe com meu humor. Algo tão importante quanto meu futuro deveria exigir vestimenta tradicional completa. É demais pedir por alguma pompa e formalidade para lidar com suspeitas de magia negra? Se não essa noite, quando?

Eu observo o coque espetado pelo pauzinho vermelho da minha mãe, no meio de um grupo de homens e mulheres de cabelos grisalhos, perto da linha das árvores. Na penumbra, os pauzinhos familiares no cabelo da minha mãe parecem brilhar. Eu fico na beira do círculo, evitando ter que conversar com alguém. Essa noite pode estar focada em mim, mas isso não significa que eu queira ser o centro das atenções.

Eu farejo o ar por endro e fico aliviado quando não sinto cheiro algum. Embora eu não tenha certeza se fiquei imune a isso depois de todas essas semanas.

A cabeleira grisalha de Philips sai debaixo de um gorro de malha. Ele acena uma saudação para mim, mas não paro para falar com ele. Eu examino a multidão pelo casaco vermelho de Madison. Uma pira de madeira apagada centraliza a clareira e eu vou em direção a ela, imaginando que ela me dará a melhor visão do

coven reunido. As irmãs Parker e Good, a Sra. Howe, o Sr. e a Sra. Wardwell e o velho Bishop estão em pé segurando xícaras fumegantes. Alguns deles me reconhecem com um aceno de cabeça, levantando suas canecas ou pequenos acenos. Os membros do coven me conhecem a vida inteira. Essas pessoas são a família de minha mãe, suas irmãs e irmãos. Para um filho único de uma filha única, tenho muitas tias e tios.

Philips sai da multidão e vem até mim. Uma vez que ele está a poucos metros, me pergunta como eu estou indo.

— Você está pronto? — Ele dá um tapinha no meu braço.

Eu nunca fiz magia na frente do coven antes. É claro que todos conhecem os rumores sobre meus poderes, mas nenhum deles testemunhou minhas habilidades de iniciar fogo pessoalmente.

Rolando meus ombros, eu assinto. — Na verdade não.

Mamãe corta a multidão para a clareira. Um flash vermelho segue atrás dela.

Madison.

— Concentre-se no que você realmente quer. O resto deve se desfazer e sumir... — Philips diz algo mais, mas suas palavras desaparecem no silêncio enquanto olho para Madison. Eu não a vejo há semanas. Podiam bem ser meses.

Eu dou um passo mais perto dela, mas a mamãe se coloca entre nós. — Depois.

Abruptamente eu paro como se estivesse sendo empurrado para trás. — Ok, não há necessidade de usar magia.

Mamãe levanta uma sobrancelha. — Se não essa noite, quando?

Uma energia calmante encobre minhas costas e me viro para ver Tate de pé atrás de mim. — Você também?

Ele encolhe os ombros. — Achei que não poderia machucar, mesmo que você tenha estado imune a mim por mais de um mês.

— Talvez seja um bom sinal que Tate possa afetá-lo novamente. — Madison finalmente fala.

O desejo familiar de toma-la em meus braços retorna, mas não é tão intenso. Em vez disso, inclino-me para sussurrar em seu ouvido para que apenas ela possa ouvir. — Eu senti sua falta.

Seu sorriso mal move seus lábios. Eu vejo esperança e medo misturados em seus olhos escuros. — Eu também.

— Não desista de mim.

— Eu acredito em nós. — Ela roça os dedos ao longo dos meus e eu posso sentir a sensação sacudir meu corpo como se ela tivesse me dado um choque. Este é o primeiro toque que trocamos desde o aniversário dela. — Acredite em si mesmo.

No luar nevado, Madison é toda sombra escura e pele cremosa. Seus lábios cheios combinam com o vermelho profundo de seu casaco. Ela é beleza sublime.

Ela deveria ser minha.

Ela será minha.

Madison fica na ponta dos pés para beijar minha bochecha. — Para dar sorte.

Eu beijo o topo de sua cabeça antes de encarar minha mãe.

— Pronto?

— Como sempre.

— Bom. — Mamãe bate palmas para chamar a atenção de todos. Ela dá uma breve recepção e apresentação, agradecendo a todos por saírem na noite fria. Antes de entregar as coisas para mim, ela faz uma oração. O coven se junta às palavras sagradas, chamando a magia branca para se juntar ao nosso encontro e nos proteger da escuridão.

Mamãe e os outros silenciosamente criam um anel em torno da pira apagada. Parado ao lado da madeira empilhada, observo silenciosamente enquanto eles unem as mãos para fechar o círculo. Agradeço a todos por terem vindo e por me emprestarem seus poderes para expulsar qualquer maldição que me foi imposta. Termino com uma citação favorita de Shakespeare. *"Isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo, Disso se segue como a noite segue ao dia, Que não podes então ser falso com ninguém."* [16]

Nas últimas semanas, cheguei à conclusão de que as raízes da maldição estão dentro de mim. Eu sou o único que pode consertar isso.

Olhando para os flocos caindo, imagino-os desaparecendo até que o ar pare e as nuvens se abram para expor a lua. A luz é clara e brilhante o suficiente para que todos vejam o que eu faço a seguir.

---

[16] *Trecho de Hamlet, de Shakespeare.*

Eu sopro o ar quente sobre meus dedos. Com meus olhos fechados, imagino uma chama azul se formando entre as palmas das minhas mãos. Protegendo-o com minhas mãos em concha, eu sopro-lhe vida exalando. Eu posso sentir o calor crescente contra a minha pele antes de me agachar perto da pira.

O fogo acende e começa a queimar, estalando enquanto consome os gravetos e as folhas secas dos galhos de pinheiro. Cercado por brasas flutuantes, eu inalo a fumaça doce. Eu empurro meus óculos no topo da cabeça e removo cuidadosamente as lentes de contato marrons que uso desde a adolescência. Na palma da minha mão elas se deformam e se encolhem enquanto concentro toda a minha frustração nelas. Quando elas estão do tamanho de lentilhas secas, eu as jogo no fogo e jogo meus óculos a seguir. Em vez de estalar e derreter, eles desaparecem em um flash laranja brilhante do tamanho de uma bola de futebol.

Um minuto depois, o fogo começa a diminuir. As chamas diminuem e cinzas se formam nos troncos. Qualquer calor que o fogo produz diminui e sinto o frio em meus braços enquanto observo o fogo cada vez menor. Ao contrário de uma fogueira regular, que leva horas para queimar, minha chama mágica e bola de fogo duraram apenas alguns minutos. Nervoso por estar em frente da minha mãe, Madison e o coven, encaro o chão coberto de neve e me pergunto se me sinto diferente.

O cheiro de baunilha e um corpo quente flanqueiam a minha direita. Tate vem para ficar à minha esquerda. Eu inalo

profundamente e fecho os olhos, esperando o impulso de estrangular meu melhor amigo por estar perto de Madison.

Não vem.

Madison entrelaça seus dedos nos meus. Eu levanto nossas mãos unidas e as beijo.

Nossos olhos se encontram e eu sei.

Mais do que isso, sinto mais do que nunca. Minha mente se concentra em detalhes que eu nunca notei antes. A borda nítida do ar da noite gelou minha pele exposta. Eu ouço as asas de uma coruja batendo no meio da floresta. Seiva adoça a fumaça do fogo. A pele de Madison parece uma caxemira contra a minha mão. Suas camadas de aroma de baunilha com caramelo e rosa.

Eu sou eu mesmo novamente.

— Funcionou. — Eu pisco algumas vezes, adaptando-me a não ter lentes de contato.

— Eu sabia que iria, — Madison sussurra, apertando meus dedos.

— Como?

— Como um viciado que precisa atingir o fundo do poço, parte da dissolução da maldição envolvia você descobrir como lutar por conta própria, — mamãe explica enquanto para na minha frente para um abraço. — Você precisava ter seu poder plenamente como um Wildes e acreditar em seu destino com Madison.

— Reivindicar seu direito de primogenitura foi o que quebrou a maldição, — acrescenta Madison.

— Não a água com endro? — Eu sorrio para a minha mãe.

— Eu defendo isso, mas acho que só afrouxou as extremidades do feitiço para que pudéssemos desvendá-lo. — Mamãe sorri para mim.

— Você sabe quem é o responsável? — Tate pergunta.

— Meu pai. — Com a clareza dos meus sentidos vem à certeza da origem da maldição. — Não ele diretamente, mas ele está por trás disso. Eu acho que meu pai contratou alguém para me amaldiçoar. Ele ligou e perguntou se eu estava vendo alguém logo após o Halloween. Ele sempre me disse para ser sem graça. Desde que eu estava no colegial, ele repetiu essas duas palavras com frequência. Tomei isso como conselho, mas percebo agora que era uma ameaça. Esconda-se ou então. Não tenho certeza de como ele sabia sobre Madison, talvez ele tenha espiões no campus, mas de alguma forma o Halloween ativou algo que ficou adormecido por anos. Tenho certeza de que ele está por trás disso de alguma forma.

Mamãe concorda. — Para uma alma escura e amarga, nada é mais ameaçador do que o amor, especialmente o amor novo.

— Tem que ser ele. O ciúme, a raiva mal direcionada, a possessividade? Soa familiar, mãe?

Ela faz um som estrangulado na garganta. — Como eu perdi os sinais? Você estava assumindo todas as suas piores qualidades.

Eu mudo de assunto. — E Hamilton?

— Um efeito colateral. Quando você se concentra no coração e na fita, deixa um traço de sua própria magia nela. Então, quando ele

desafiou você sobre Madison, colocou outra coisa em movimento. Um breve contato físico entre vocês dois foi o suficiente para desencadear uma maldição sombria.

— Espere, maldição sombria? — Eu olho para Madison. — Eu nunca ouvi falar de tal coisa.

— Porque você não estava sendo seu eu verdadeiro, você assumiu a personalidade de quem você percebeu como seu maior rival.

Eu bufo. — Hamilton. De todas as pessoas.

O bufo de Madison é ainda mais alto que o meu. — A pior opção possível.

— Então, por insultar-me, Hamilton tornou-se uma arma da maldição do meu pai? — Envolvendo meu braço em torno de seu ombro, eu a puxo para perto de mim.

Sua voz é tranquila. — Parece que Hamilton é apenas um catalisador. Para a maldição destruir sua felicidade, você precisava ter sentimentos fortes por alguém. Seu pai provavelmente assumiu que você continuaria solteiro, porque o medo e a vergonha impediriam que você fosse abertamente você mesmo.

Esta informação preenche as lacunas da minha própria investigação. — Toda a minha vida, eu acreditava que estava me protegendo, mas estava vivendo sua maldição distorcida. Enquanto ficasse nas sombras e escondesse minha verdadeira identidade, ele venceria.

Mamãe sorri orgulhosamente. — Sua garota descobriu maldição da sombra enquanto estava pesquisando seus antepassados do lado de seu pai. Ela tem um dom real para fazer conexões.

Madison abaixa a cabeça. — Tenho certeza que você teria descoberto antes de mim se você tivesse tempo, Sarah.

Mamãe lhe dá um olhar severo, mas suas palavras revelam seu orgulho. — Não diminua seu papel em tudo isso. Você viu a correlação entre os descendentes daqueles que acusaram e processaram as vítimas da histeria das bruxas. Muitas dessas famílias viram sua linhagem familiar se reduzir a nada por causa de compromissos e casamentos desfeitos, uniões sem filhos e morte prematura. Você descobriu o padrão de infelicidade que veio da intromissão com os poderes das bruxas.

Não me surpreende que Madison tenha descoberto esse ângulo adicional. Ela é brilhante.

— Então, quem meu pai contratou para a maldição inicial?

— Ninguém no coven sabe quem lhe jogou a maldição. — Pressionando os lábios, minha mãe franze a testa e balança a cabeça. — Para alguém que amaldiçoa a magia, seu pai deixou sua amargura e raiva atrai-lo para a forma mais sombria.

Madison se enrola ao meu lado. — Mas por que alguém que odeia magia se envolve com maldições?

— Se ele achou que não tinha outra opção para proteger Andrew de mim, provavelmente achou que não tinha escolha. De

que outra forma você combate os poderes mágicos? — Pergunta mamãe.

— O suco de endro ajudou, então ele deve ter envolvido uma bruxa. — Madison envolve seus braços com mais força em volta da minha cintura.

— O endro só afrouxou as extremidades do feitiço para que pudéssemos confirmar a maldição. Se a magia antiga está em ação, é muito forte.

Uma ideia se forma na minha cabeça. — Ou a maldição se estende além de mim? Poderia ser algo da linhagem Bradford que eu herdei?

Com um arrepio, coloco meu braço sobre o ombro de Madison, aproximando-a ainda mais. Seu calor dissipa o medo frio de quão longe meu pai está disposto a ir para me impedir de ser como minha mãe.

— Tudo é possível. — Mamãe pressiona os lábios e desvia o olhar para o céu.

Mamãe e eu nos encaramos. Magia Negra deixará um traço naqueles afetados e naqueles que a usam. Embora nós tenhamos quebrado o poder do feitiço sobre o meu comportamento, eu não sairei ileso. Os farrapos invisíveis da maldição permanecerão. Eu só espero que tenha interrompido antes que danos permanentes ocorressem. Eu nunca vou me perdoar se de alguma forma isso prejudicar Madison.

— Devemos comemorar. — A leveza retornando à voz de mamãe. Ela quase parece presunçosa, embora sua testa esteja franzida de preocupação.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Porque não funcionou. Você ganhou.

Eu beijo Madison suavemente nos lábios. — Nós ganhamos.

Epílogo

Uma batida suave soa na minha porta. Estou meio esperando ver Tate passar por ela para a verificação diária comigo.

A batida continua aumentando em volume.

Talvez seja Hamilton. Embora eu tenha voltado ao meu estado normal, Luke parece ter se tornado menos um "cogumelo venenoso" – uma expressão de Madison - do que antes. Nós nunca seremos amigos, mas parei de pensar nele como meu inimigo. Não é mais uma ameaça, ele é apenas um cara no campus.

A vida seria perfeita se eu pudesse evitar meu pai. Tenho sete mensagens de voz não ouvidas dele no meu telefone. Quanto mais eu adiar retornar suas ligações, mais irritado ele ficará.

Deixe-o sofrer. A menos que ele tenha espiões no coven ou no campus, ele não sabe que sua maldição chique foi sufocada. Eu preciso descobrir como confrontá-lo ou evitá-lo permanentemente. Algo com o qual terei que lidar depois das finais e dos feriados.

— Entre, — eu grito.

Madison enfia a cabeça pela abertura estreita. — Cheguei cedo.

Feliz que é ela e não Tate, eu me levanto e vou em direção a ela. — Ansiosa?

— Eu reorganizei os panfletos no saguão por cinco minutos antes de me permitir bater na sua porta.

Eu sorrio para ela. — Você fez isso? Essa foi a melhor ideia que você teve para passar o tempo?

A cor floresce em suas bochechas. Espero que ela esteja se lembrando dos poucos momentos felizes que tivemos juntos antes do desastre do seu aniversário. — Nós não temos que sair por mais quinze minutos.

Ela molha o lábio inferior com a língua. — Muita coisa pode acontecer em quinze minutos.

Eu não preciso olhar nos olhos dela para saber que nós dois estamos pensando em reverter à maldição.

Mas porque eu estou observando, também a vejo olhar rapidamente para minha cama.

— Vou precisar de mais do que quinze minutos para fazer tudo com o que sonhei com você.

— Oh. — A palavra soa mais como uma inspiração do que um pensamento consciente.

— Além disso, temos um aniversário para recriar.

— Talvez eu tenha mudado de ideia sobre o que eu quero para o meu aniversário.

— Oh não, você não pode. Eu fiz planos.

Ela estreita os olhos para mim.

— Você vai gostar desses planos.

— Eu não tenho certeza se vou gostar de surpresas novamente. — Seus ombros enrijecem quando ela cruza os braços.

Eu mordo o canto da minha boca. — Querida, nada sobre mim é normal. A vida sempre será recheada com o inesperado. Tem certeza de que quer embarcar nisso?

— Eu posso não ser uma bruxa. — Ela pressiona o dedo contra os meus lábios quando eu os abro para protestar. — Ainda. Ou nunca.

Eu seguro um dedo e gentilmente mordisco a ponta. — Mas?

Seus olhos se arregalam e ela não respira por um ou dois segundos.

— Madison?

— Desculpe. Você estava me distraindo.

— Eu posso parar. — Eu gentilmente chupo o dedo dela. — Eu vou sentar na minha mesa e dar-lhe espaço suficiente para formar pensamentos coerentes. — Liberando sua mão, dou um passo para longe.

— Talvez você deva voltar a usar óculos. Você é lindo demais.

— Eu pensei que você gostasse dos meus estranhos olhos pálidos. — Eu pego um velho par de óculos de cima da minha mesa e coloco-os. — Melhor?

Ela geme e enterra a cabeça em seus braços. — Pior.

— Talvez você devesse falar com a parede. Sequer olhe para mim.

Por alguma razão, isso soa como um bom conselho e ela encara meu pôster do Dr. Who.

— Quando você era um menino-sapo, eu sabia que algo estava errado. Em meus ossos, eu podia sentir algum tipo de energia ao seu redor que não era você. Você era Andrew, mas não você. É por isso que eu nunca desisti. — Ela descansa as mãos na parede e pressiona a cabeça contra elas. — Eu nunca desisti de nós. Talvez isso me torne uma boba.

Eu não suporto não ser capaz de ver seus olhos. Encostado na parede ao lado dela, eu roço meus dedos ao longo do seu braço. — Madison?

Ela exala e se vira para me encarar, lentamente piscando, abrindo os olhos.

Eu me perco em sua cor profunda por alguns segundos enquanto organizo meus pensamentos. — A maldição nunca foi sobre você. No mínimo, você me salvou. Magia, bruxaria ou não, você é extraordinária.

— Eu não sou, — ela protesta.

— Não discuta com um bruxo.

— O que você vai fazer? Enfeitiçar-me? Fazer-me beber chá quente com sabor de picles? Manda ver. — Ela sorri para mim. — Estive lá, já fiz isso.

Em vez de discutir com ela sobre seus poderes, eu a beijo.

Ela vai descobrir quem ela é um dia. Há poderes esperando para serem descobertos por ela, se ela quiser.

Cabe a ela.

Magia negra existe, mas enquanto houver amor, nós podemos combatê-la.

Contanto que ela me queira, ela me terá.

Continua...